

Os fatores da Geoestratégia

429. Fatores estáticos e fatores dinâmicos

O fundador da geopolítica distinguia três subdivisões da disciplina, nas quais ele estabelecia as bases: a toponômica, que raciocina em termos de posição, a morfopolítica, que raciocina em termos de forma, e a fisiopolítica, que raciocina em termos de extensão¹. Não é ilegítimo transferir esta classificação à geoestratégia e se perguntar se não haveria uma topoestratégia, uma morfoestratégia e uma fisioestratégia.

Isso nos reenvia às componentes eventuais da geoestratégia, bem entendido, de uma geoestratégia eventualmente constituída como disciplina. Nós fixamos habitualmente como fatores geográficos: as distâncias, a topografia, as condições climáticas, as vias de comunicação, as fortificações. É preciso integrá-las numa classificação que distinguirá fatores estáticos e fatores dinâmicos.

SEÇÃO I – OS FATORES ESTÁTICOS

430. Definição

Por fatores estáticos, entenderemos os elementos que não são necessariamente fixos, mas que se classificam como de longa duração, não sendo, portanto, modificáveis em profundidade, no curto prazo, pela ação humana. É possível reconstituir o que se passou em um campo de batalha, décadas ou mesmo séculos após os eventos, mesmo se a paisagem foi profundamente alterada. Nada é mais impressionante, nessa visão, do que a visita ao campo de batalha de Verdun que escapou a toda reconstrução. A vegetação retomou seus direitos e tornou-se mesmo invasiva, mas o solo deixa ainda aparecer muito claramente as marcas das trincheiras e dos bombardeios incessantes. Os fatores estáticos são os elementos duráveis da estratégia. Eles determinam uma topoestratégia, que descreve e analisa os lugares e sua configuração; uma morfoestratégia, que se prende à forma do espaço; uma fisioestratégia, que considera o espaço, não na sua estrutura interna, mas na sua integração no ambiente global; às quais se pode acrescentar uma “meteoestratégia”.

¹ Cf. Ladis K. D. Kristof, “The Origins and Evolution of Geopolitics”, *Journal of Conflict Resolution*, 1960

SUBSEÇÃO I – TOPOESTRATÉGIA

431. O terreno

O primeiro dos fatores estáticos é evidentemente o terreno, que impõe sua lei aos outros. Alguns, a ele se adaptam, outros não. Em 1945, o general Leclerc desembarca na Indochina. Um oficial da Marinha lhe observa que os carros da 2ª Divisão Blindada “*não terão aqui um rendimento ótimo. A Conchinchina não é o Tchad*”, o que lhe valeu um seco: “*Pode desembarcá-los*”. Porém Leclerc descobre muito rapidamente as particularidades do teatro indochinês e convoca o mesmo “marinheiro”, algumas semanas mais tarde, para lhe dar a ordem de incorporar os carros da 2ª DB aos meios componentes das flotilhas fluviais, que se tornarão os “dinassauts”² (Divisões Francesas de Infantaria Naval de Assalto, empregadas durante a 1ª Guerra da Indochina).

O terreno é objeto de toda a atenção dos geógrafos militares e, antes deles, dos fundadores da estratégia moderna. Há duas maneiras de barrar sua influência, como havia observado Clausewitz:

*Sua ação se situa mais no domínio da tática, porém seus efeitos se manifestam também na estratégia. Um engajamento realizado na montanha é também por suas consequências completamente diferente de um engajamento numa planície*³.

O primeiro enfoque, tático e operacional, é aquele da geografia militar, cujo interesse permanece; o segundo decorre atualmente da geoestratégia.

432 . Clausewitz e o terreno

Antes de Clausewitz, os autores militares enfocavam o terreno de duas maneiras opostas. Havia aqueles para quem o terreno estava na raiz mesmo de toda manobra, designando as posições decisivas. Tal concepção era largamente disseminada, pois se ajustava bem ao estilo estratégico do Antigo Regime, à base de marchas e contramarchas inteligentes. Montecucculi, o adversário de Turenne, declara ainda que “para sitiar Paris, é preciso controlar as partes altas e a parte superior dos três rios Marne - Yonne - Sena”⁴. Esta concepção influencia ainda os *Princípios da Estratégia* do arquiduque Carlos (1818), repletos de referências às “*posições decisivas*” e à “*chave de um país*”⁵.

Este enfoque é superado no século XVIII pelo racionalismo no qual o terreno concreto desaparece em proveito de um raciocínio no sentido abstrato. O *Espírito do sistema de guerra moderna* de Dietrich von Bülow (1799), leva ao extremo este alinhamento da arte da guerra com a geometria: “*Seja A o sujeito, B o objeto e C o exército, se dirigindo para operar do sujeito na direção do objeto. Está claro que, se o inimigo D, oposto à linha de operações AB, avança sobre a retaguarda do exército C, sem nada empreender contra o corpo E, etc.*”⁶ Mais comedido, Jomini fundamenta a arte da guerra sobre a combinação de bases de operações, de linhas de

² René Bail, “Il y a cinquante ans, l’Indochine...”, *Cols bleus*, 3 de fevereiro de 1996, p. 14.

³ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 388.

⁴ Jean-Michel Thiriet, “La redécouverte d’un homme de guerre et de lettres: Montecucculi”.

⁵ Arquiduque Carlos, *Principes de Stratégie*, 1818, reedição em curso.

⁶ Dietrich von Bülow, *L’Esprit du système de guerre moderne*.

operações... ainda amplamente influenciado pelas concepções geométricas do século XVIII. Clausewitz rompe com essa herança, retendo apenas o *terrain* (em francês, no texto) propriamente dito. Ele lhe confere uma grande importância:

Esta conexão (entre a guerra e o terreno) é permanente, de modo que é absolutamente impossível conceber uma operação de guerra, realizada por um exército organizado, que se desenvolva em algo que não seja um espaço determinado; em segundo lugar, ela tem uma importância decisiva, já que modifica e vai por vezes até mesmo transformar totalmente os efeitos de todas as forças; em terceiro, ela envolve tanto os detalhes mínimos de uma localidade quanto as mais vastas extensões do país⁷.

Esta importância se manifesta sobretudo na defensiva: “*O defensor tem a vantagem do terreno, o atacante, a da surpresa*”⁸. Para Clausewitz, ela diminuiu com os aperfeiçoamentos da arte da guerra: “*Desde que as tropas adquiriram uma maior capacidade de manobra, esta vantagem desapareceu e a superioridade passa, por algum tempo, para a ofensiva*”. Mas a defensiva reconquistou a superioridade “*nos anos mais recentes, concentrando suas forças em grandes massas, das quais a maior parte não era empregada e permanecia escondida se possível, limitando-se a ocupar uma posição onde estivesse pronta a agir, em função das medidas tomadas pelo inimigo, desde que essas fossem visíveis*” e foi chamada a conservá-la, pois “*ela será sempre auxiliada pelo terreno, que lhe assegurará em geral uma superioridade natural, pois as propriedades particulares do país e do terreno exercem atualmente uma influência maior do que jamais se viu sobre o ato de guerra*”⁹.

O interesse de uma posição de defesa é permanente:

*Numa verdadeira posição defensiva, é o conceito de **local** que domina. A decisão deve ser obtida em tal local, ou mais ainda, **graças** a este local¹⁰.*

Em sua memória sobre os princípios da guerra redigidos por Kronprinz, Clausewitz resume a dupla vantagem que o terreno oferece:

A primeira é de opor à investida os obstáculos que tornam impossível todo avanço do inimigo em tal ponto, ou que lhe obrigam a marchar lentamente, a permanecer em colunas etc. A segunda é que os obstáculos nos permitem dispor nossas tropas, dissimulando-as.

A segunda vantagem lhe parece mais importante:

Atualmente, a mobilidade dos exércitos faz com que utilizemos menos a primeira e esta é a razão pela qual é preciso recorrer tanto mais à segunda. A primeira dessas vantagens atua somente na defensiva, enquanto a segunda é eficaz no ataque e na defesa¹¹.

⁷ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 97.

⁸ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 407.

⁹ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 405.

¹⁰ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 459.

¹¹ Carl von Clausewitz, *De la Révolution à la Restauration*, Paris, Gallimard, 1976, pp. 101-102.

433. O terreno como obstáculo

É, não obstante, do ponto de vista dos obstáculos que o terreno ganhou mais importância. Uma força pode se defrontar com os obstáculos mais distintos. Esses podem se estender em distância e formar frentes contínuas, particularmente os rios e as cadeias de montanhas, ou constituir pontos isolados, naturais (colinas, pântanos, lagos...) ou artificiais (inundações, vilas, cidades). De maneira geral, seu efeito é cumulativo. Como disse Jean Chagniot, “*existem relações precisas entre a floresta, os limites de um bosque, restos de fortificações, camadas de bruma, um solo alagadiço por má drenagem, um terreno acidentado. Em termos militares, o ambiente é sempre complexo*”¹².

O impacto de um obstáculo varia segundo sua natureza e sua dimensão, elementos fixos (mesmo se podemos “valorizá-los”), e sua posição, elemento relativo: esta se avalia, de fato, não somente em relação aos outros obstáculos, que determinam as possibilidades de desbordamento, mas também, e sobretudo, em relação ao eixo de progressão do inimigo: a linha Maginot, em 1940, não teve provada sua ineficácia, mas somente a de sua extensão insuficiente. Quando é convenientemente situado, um obstáculo pode ter um efeito de :

- retardamento: é o efeito mais comum; é mais difícil de progredir num ambiente desfavorável do que num terreno plano e desimpedido;
- isolamento: certos obstáculos introduzem uma perturbação na progressão inimiga, impedindo os seus diferentes componentes de se apoiarem mutuamente. O defensor pode, então, concentrar seus esforços sobre a fração inimiga de sua escolha sem correr o risco de vê-la imediatamente reforçada por seus vizinhos;
- canalização: certos obstáculos, em razão dos esforços que seriam exigidos para ultrapassá-los, impõem a tomada de outros itinerários. O defensor pode concentrar suas forças sobre certos setores sem se preocupar em manter o controle sobre toda a extensão da frente.

Os obstáculos têm um efeito material pelo retardamento, a dispersão e a degradação que eles impõem ao inimigo. Eles podem também ter um efeito dissuasivo, por vezes superior ao seu efeito material. Não faltam exemplos de obstáculos naturais ou de fortificações julgados intransponíveis ou inalcançáveis pelo atacante, cujas características tiveram um peso muito grande sobre suas decisões desde a concepção do plano. Ocorre que o defensor faz a mesma avaliação, cujos efeitos podem se revelar desastrosos quando se mostram errados (Sedan 1940).

O impacto de um obstáculo é duplo. Ele tem um efeito instantâneo ou imediato que é função do tempo gasto para transpô-lo. Mas a este vem juntar-se um efeito residual, função dos meios consumidos para restabelecer a passagem e mantê-la livre. Este efeito residual deve ser avaliado levando-se em consideração os meios consumidos pelo defensor (minas, explosivos, arames farpados...mas também pessoal) para criar ou valorizar o obstáculo.

Diversos métodos têm sido elaborados para avaliar o efeito global dos obstáculos. O método dito das “sínteses parciais” estabelece uma divisão do teatro em setores e subsetores, classificando-os em função de sua eficácia prevista sobre o inimigo e de seu custo. Um

¹² Jean Chagniot, “Les armées françaises aux prises avec la forêt, de Malplaquet à Wilhelmstadt 1709-1762”, em *Forêt et guerre*, Paris, L’Harmattan, 1994, p. 47.

estudo realizado na Escola Superior de Guerra da França, nos anos 1960, estimava que, a um custo igual, poder-se-ia obter três horas de retardamento na passagem de Charmes, seis horas na passagem de Belfort e doze horas sobre o Reno, ao norte de Estrasburgo. Este método permite então hierarquizar os setores ou subsetores e eliminar aqueles que são muito caros para preparar. Ele se julga objetivo porque é fundamentado mais sobre as características do terreno do que sobre os meios disponíveis ou sobre as intenções do inimigo. Inversamente, o método conhecido como “balanço ponderado” tenta considerar os meios que serão supostamente utilizados pelo inimigo. Ele faz uma análise custo-eficácia em função do número de unidades utilizadas para cada efeito desejado. Mais completo, ele é ao mesmo tempo mais subjetivo que o precedente, e, em consequência, mais difícil de utilizar.

434. Obstáculos hidrográficos

Estes são de dois tipos: longilíneos e compactos.

Os obstáculos longilíneos, também chamados cortes francos, são os cursos d'água, os rios e os canais. Seu valor depende da largura, da profundidade, da força da corrente, secundariamente do declive e da natureza das margens e da natureza do fundo (pode suportar equipamentos e veículos pesados?). A ultrapassagem apresenta, com frequência, problemas consideráveis, no mínimo para o material pesado, donde a permanência dos pontos de travessia (até o século XX, atravessa-se o Reno em três pontos privilegiados: Huningue, Neuf e Vieux Brisach, Strasbourg-Kehl) e a importância das pontes, onipresentes na história da guerra, da ponte de Garigliano à ponte de Remagen. Quando não existe ponte, a passagem se faz a pé ou por embarcações, atualmente até mesmo por meio submerso. Em todos os casos, isso acarreta atrasos de preparação e de arrumação das forças.

Um inimigo batido tenta espontaneamente se restabelecer ao abrigo de um rio: o general Weygand tentava assim se manter sobre o rio Somme em 1940, enquanto que na Itália, o marechal Kesselring se apoiava, em 1944, sobre o Volturno, depois sobre o Garigliano e o Rapido, ao longo dos quais ele instalava a linha Gustav. A Europa é repleta de grandes rios transversais que têm com frequência servido de barreira. Frederico II utiliza assim o Elba e o Oder durante a Guerra dos Sete Anos. A Alemanha tentou conter o assalto soviético, a partir de 1943, apoiando-se sobre o Dniep, o Dvina, o Niemen, o Vístula, o Oder. Mas todos foram forçados, confirmando a constatação de Clausewitz: “*Os exemplos de um rio eficazmente defendido são bastante raros na história*”, apesar das dificuldades de ultrapassagem, devido “*ao alongamento excessivo*” da linha do defensor¹³. Napoleão não tinha nenhuma hesitação sobre esse assunto:

É preciso considerar em princípio que o inimigo ultrapassará onde e como ele quiser. Um rio é sempre considerado como um obstáculo que causa um retardo de alguns dias e sua ultrapassagem não pode ser defendida senão posicionando-se tropas nas cabeças de ponte sobre a outra margem, prontas a retomar a ofensiva, tão logo o inimigo inicie a ultrapassagem¹⁴.

A influência estratégica dos rios e dos canais se manifestou com muito mais continuidade na história da China. O Yang Tsé e os múltiplos canais têm constituído, mais do que a Grande Muralha, a barreira defensiva chinesa, protegida por poderosas esquadras para cujo treinamento

¹³ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, pp. 494-503.

¹⁴ Carta de março de 1813, citada em Hubert Camon, *La Guerre napoléonienne*, pp. 75-76.

criaram-se lagos artificiais. “*Os sucessos da defesa naval chinesa foram tais que a dinastia (dos Song) lhe deve, inúmeras vezes, sua sobrevivência*”¹⁵. Em 1129, a invasão dos Jin é contida por uma vitória naval em Huangtiandang. Uma nova incursão Jin é contida em 1161 no mar (batalha de Chenjiadao) e sobre o Yang Tsé (batalha de Caishi). Os mongóis deverão construir uma frota para concretizar sua conquista: em 1275, eles arrasam a esquadra dos Song em Guazhou, na embocadura do Yang Tse. No Vietnã, os rios, de início utilizados pelo invasor chinês, tornam-se, no século XX, uma via privilegiada para o defensor que não pode controlar a floresta compacta: os franceses inventam as célebres “dinassauts”, que prestarão enormes serviços e serão, mais tarde, retomadas pelos americanos (brown water navy).

Os obstáculos compactos são os lagos e as zonas pantanosas, que “*são certamente o obstáculo ao movimento e ao deslocamento mais difícil de superar*”¹⁶. Os seguidores de Mao sofreram mais, durante a Longa Marcha, nas planícies pantanosas do Sichuan, atravessadas durante as chuvas de outono, do que nas montanhas¹⁷. As diretivas do alto comando alemão, em março de 1941, mostravam inquietação com “*o grande corte das operações pelo pântano de Pripet e o risco de as forças russas aí se protegerem, sistematicamente ou após terem sido cortadas*”¹⁸ ameaçando as comunicações. A submissão de tropas assim protegidas é sempre uma operação difícil e custosa. O interesse defensivo dessas zonas úmidas cresceu ainda na época contemporânea, pois elas são inacessíveis às formações blindadas. Os franceses puderam verificá-lo no delta de Tonkin.

Eventualmente, quando eles não existem, criam-se artificialmente tais obstáculos, longilíneos ou compactos, por meio de inundações, procedimento utilizado desde a mais remota antiguidade e que foi ainda maciçamente empregado durante a Segunda Guerra Mundial. O caso mais conhecido é o da Holanda, que abriu seus diques em 1672, devido à invasão francesa. O procedimento foi eficaz e levou à derrota o Príncipe Condé. Mas, um século mais tarde, ele se revela impotente contra o exército prussiano do duque de Brunswick. Ele foi ainda retomado pelos alemães em 1944-1945: o fracasso de Arnhem é amplamente imputado às dificuldades de progressão das tropas mecanizadas nas regiões inundadas, onde somente subsistiram algumas vias fáceis de obstruir. Os japoneses, em face da ameaça de invasão norte-americana, inundaram completamente os arrozais próximos às zonas mais sensíveis, particularmente a planície de Tóquio¹⁹. Em 1980, os iranianos pararam a ofensiva iraquiana explodindo as bordas do canal de irrigação sobre a margem esquerda do Karoun²⁰.

435. Obstáculos montanhosos

A guerra na montanha tem suscitado uma abundante literatura. Além de anotações esparsas, o mais antigo tratado parece ser o *Discours sur la guerre en montagne*²¹, escrito pelo Duque de Rohan nos idos de 1630, após sua memorável campanha em Valteline. O general piemontês (a serviço da França) Pierre de Bourcet redige, nos idos de 1760, seus *Principes de la guerre de montagnes*, que circulam na Europa sem ser impressos²². Em 1840, o general suíço Guillaume-Henri Dufour consagra o essencial de seu *Cours de tactique* à guerra na montanha; ele evoca aí a idéia de um reduto alpino, que será implementado pelo general

¹⁵ Jacques Dars, *La Marine chinoise du X^e siècle au XIV^e siècle*, Paris, CFHM-Économica, 1992, p. 256.

¹⁶ Major A. Lucien, “Les objectifs géographiques...”, p. 42.

¹⁷ Jean Philippe, “Réflexions géographiques sur la Longue Marche”, *Hérodote*, 3, 3^o trimestre de 1976, p. 57.

¹⁸ *Documents on German Foreign Policy*, vol. XII, n^o 195, p. 341.

¹⁹ D.M. Giangreco, “Operation Downfall”, *Joint Forces Quarterly*, outono de 1995, p. 91.

²⁰ *Le Grand livre de l'eau*, Paris, La Manufacture, 1990, p. 296.

²¹ Publicado pelo Barão de Zurlouben, em *Mémoires et lettres de Henri duc de Rohan sur la guerre de la Valteline*, Paris, 1758.

²² Eles serão publicados apenas em 1888 pelo Coronel Arvers, na Imprensa Nacional.

Guisan em 1940. Em 1860, o general austríaco Franz von Kühn (Ministro da Guerra de 1869 a 1874) publica *Der Gebirgskrieg*. Os grandes autores, Jomini e Clausewitz, se interessam pelo assunto. O primeiro estuda a guerra na montanha em 35 dos 115 livros (!) de seu *Histoire critique et militaire des guerres de la Révolution*²³. O segundo lhe consagra cinco capítulos, dos quais três à defesa em montanha, em *Vom Kriege*. Clausewitz avalia que “a posição dominante...não é decisiva senão na montanha”²⁴.

Trata-se aí de uma consagração teórica que se assemelha a uma reabilitação. Tradicionalmente, a guerra na montanha tinha má reputação:

*Os gregos e romanos evitavam bater-se neste terreno. Seus exércitos estavam preparados para combater na área plana. Eles deixavam as elevações para os soldados armados levemente e para os povos das montanhas. Isso quer dizer que a guerra em montanha pode se definir de uma maneira mais ou menos negativa, talvez pejorativa: guerra de emboscada, de posições, de surpresas e de estratagemas, ela é na maioria das vezes desconsiderada, assim como os guerreiros que a praticam*²⁵.

Esta constatação de Pierre Ducrey tem origem no mundo antigo e permanece válida até a época moderna. Clausewitz o havia notado:

*Antes da guerra dos Trinta Anos, à época da ordem de batalha profunda, da cavalaria numerosa, das armas de fogo primitivas etc, a utilização de grandes obstáculos de terreno era completamente excepcional e a verdadeira defesa em montanha quase impossível, ao menos para tropas regulares. Somente quando é introduzida uma ordem de batalha mais extensa, quando a infantaria e suas armas de fogo tornam-se o essencial do exército é que as montanhas e os vales são levados em consideração*²⁶.

Em 1645, a Espanha é o primeiro país a organizar tropas de montanha, os *Miqueletes* (devido ao nome de seu chefe Miquelot de Prats). Um século mais tarde, em 1740, Frederico II da Prússia cria os caçadores, soldados de infantaria ligeira destinados a operar em floresta ou montanha.

A montanha é considerada particularmente favorável à defesa, posto que a inclinação do solo impede, com frequência, a passagem de uma força organizada que exige terreno próprio para seu deslocamento. Para Napoleão,

*Na guerra das montanhas, aquele que ataca tem desvantagem; mesmo na guerra ofensiva, a arte consiste em ter somente combates defensivos e a obrigar o inimigo a atacar... A chave dessa guerra está na ocupação dos campos, sobre os flancos, ou ainda, na retaguarda do inimigo, de modo a deixar-lhe como únicas alternativas a evacuação de suas posições sem combater, para tomar outras posições na retaguarda, ou sair para atacá-lo*²⁷.

²³ Daniel Reichel, “La guerre en montagne dans l’oeuvre historique de Jomini”, *Revue Internationale d’histoire militaire*, 65, 1988.

²⁴ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 393.

²⁵ Pierre Ducrey, “Guerre et montagne dans l’Antiquité”, em *La Guerre et la montagne*, tomo I, p. 42.

²⁶ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 475.

²⁷ Citado em Hubert Camon, *La Guerre napoléonienne*, p. 355.

Isso parece lógico, posto que a progressão aí é difícil e o defensor dispõe de obstáculos numerosos, além da posição dominante. Mas Clausewitz observa que isto só vale para os pequenos destacamentos. Ele considera que o inverso é verdadeiro em caso de batalha decisiva: nesta situação, o exército é dispersado ao longo de uma cadeia de montanhas e seus elementos não podem apoiar-se mutuamente, “*cada uma das diferentes frações do exército é então mais forte (do que no plano) e somente o conjunto como tal é nesse caso mais fraco*”²⁸. Se um único ponto for penetrado, o conjunto do dispositivo desmorona. Ele recomenda, então, em lugar de dispersar o exército entre os desfiladeiros, mantê-lo concentrado ao pé da montanha para que o agressor tenha a montanha entre sua base de partida e ele.

Podemos citar numerosos exemplos que confirmam a exatidão desta observação de Clausewitz, no plano estratégico. Um dos mais marcantes é a campanha do general von Falkenhayn contra a Romênia, em 1916, no front dos Cárpatos²⁹. Em 29 de setembro, uma divisão alemã de montanha corta a única via de abastecimento e de retirada do 1º Exército romeno, que é inteiramente capturado, no desfiladeiro da “Tour Rouge”: os alemães atravessaram em três dias os maciços de Valare e Vre Mare (50 km), não guardados pelos romenos que os consideravam intransponíveis. Falkenhayn voltou-se em seguida contra o 2º exército romeno, cortando-lhe a retirada nas gargantas de Torsburg e de Tomos. Porém, outras gargantas permitem à maior parte das unidades romenas escaparem ao cerco. Em 11 de novembro, o desfiladeiro de Szurdock é forçado e, em 17, a batalha de Targuiu abre a Romênia ao exército austro-alemão. Magnífica manobra estratégica que executou dois procedimentos táticos, a passagem pelos maciços montanhosos na primeira fase, a penetração dos desfiladeiros na segunda³⁰.

De fato, não é certo que exista uma regra geral. Existem vários casos particulares: a defesa poderá ser mais eficaz diante de uma cadeia de montanhas, sobre as elevações ou na retaguarda, segundo a configuração do relevo e os meios disponíveis. No Cáucaso, em 1942, os soviéticos empregam os três procedimentos segundo os setores³¹. Mas, em caso de inferioridade muito marcante, o defensor que não pode aceitar o combate em terreno descoberto mantém-se sobre as elevações acessíveis somente às tropas especializadas. Os italianos puderam verificá-lo nos Alpes em 1940 face a um exército dos Alpes reduzido a sua mais simples expressão: o general Olry manteve as elevações com 75 seções de batedores-esquiadores que bloquearam facilmente o avanço inimigo, apoiando-se sobre o terreno e sobre construções fortificadas bem posicionadas³². No sentido inverso, os aliados foram semelhantemente imobilizados pelos alemães, que tinham pouco mais do que 4 divisões em linha, em 1944-1945.

Nos dois casos, não houve ofensiva de grande envergadura. Sem dúvida porque as operações em montanha são as mais difíceis de todas: os obstáculos se somam ao mau tempo, as dificuldades de reabastecimento colocam constantemente em perigo as tropas em linha, as perdas devidas ao frio ou à doença ultrapassam as perdas em combate. O menor erro no planejamento, o menor imprevisto nas comunicações podem conduzir à derrota. Em 1915, a ofensiva turca no Cáucaso leva ao desastre: de 118.000 homens empregados, as perdas montam a 90.000 mortos e 10.000 feridos³³. Em 1940, o exército grego na Albânia perde, em seis meses, 45.000 homens por doença ou por congelamento, comparados a 25.000 mortos e 30.000 feridos em combate³⁴. Ao longo da história, encontramos exemplos dessas

²⁸ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 483.

²⁹ Com a célebre penetração do exército francês do Oriente, em setembro de 1918, que encrava o exército búlgaro-alemão entre Kicevo e Uskub.

³⁰ General Dosse, com a colaboração do major Béthouart, *Principes de la guerre en montagne*, Paris, Imprimerie du Service géographique de l'Armée, 1928.

³¹ Jean Delmas, “Les opérations en haute et moyenne montagne du Caucase août 1942-janvier 1943”, em *La Guerre et la montagne*, tomo II, p. 346.

³² General E. Plan e Éric Lefèvre, *La Bataille des Alpes*, Paris, Lavauzelle, 1982.

³³ Kemal Soyupak, “The Offensive Operations around Sarikamish in World War I (December, 1914)”, em *La Guerre et la montagne*, tomo I, p. 262.

³⁴ Angeliki Dimas-Dimitriou, “La guerre gréco-italienne 1940-1941”, em *La Guerre et la montagne*, tomo II, p. 470.

dificuldades de exércitos regulares, da resistência à conquista romana dos Celtibères comandados por Viriato, depois dos Cantabres (que tornam doente o Imperador Augusto)³⁵ à luta dos combatentes de montanha caucasianos contra a conquista russa no século XIX³⁶ ou à tradição rebelde dos *Aurès* (contra os romanos, os árabes, os franceses³⁷). Muitos casos, claro, onde o colonizador acabou por obter a superioridade. Mas os britânicos e russos sofreram, com mais de um século de intervalo, a mesma derrota no Afeganistão³⁸.

Não é necessário dispor de altas montanhas. No terreno plano, a mais modesta elevação constitui com frequência o ponto de organização da defesa. Aquele que se encontra em posição baixa está quase sempre em posição de inferioridade: os franceses ainda verificaram esta “lei” eterna na bacia de Dîen Biên Phû.

436. Obstáculos de vegetação

Esses são essencialmente as florestas, cujas funções são múltiplas. L. Chancereel propõe, em 1910, uma tipologia³⁹:

- *dissimular os movimentos*: em 1863, o exército austríaco, vindo em socorro de Viena, sitiada pelos turcos, abandona a liberação de Presbourg, exposta à cavalaria otomana, para atravessar a floresta vienense, onde ele está protegido; em 1812, o exército francês realiza sua concentração diante do Niémen sob a proteção da grande floresta de Wilkowsiki;
- *criar centros de resistência*: em 1916, a defesa de Verdun se apóia em fortificações, mas também nos bosques: o dos Caures entrou para a história com o sacrifício dos caçadores do corol Driant; mas existe também o bosque de Hautmont, onde o 165º Regimento de Infantaria (R.I.) é aniquilado desde o primeiro dia, o Herbebois, onde o 164º R.I. resiste um tempo mais longo;
- *constituir ou completar uma linha de resistência*: a França começa a se apoiar sobre seus maciços florestais, no século XIX, sobretudo após a derrota de 1871 e a perda da fronteira do Reno, daí o controle do desmatamento ser bastante severo⁴⁰;
- *lançar ataques surpresa*: em 1453, os suíços surpreendem o exército da Borgonha de Charles, o Temerário, aproveitando-se da camuflagem fornecida pela floresta; em 1918, o contra-ataque do exército Mangin inicia-se a partir da floresta de Villers-Cotterêts;
- *proteger uma retirada*: vários exércitos batidos esperam encontrar a salvação nos bosques, com resultados muito desiguais: o bosque concede uma proteção, mas as colunas não oferecem mais nenhuma resistência organizada.

³⁵ Patrick Le Roux, *L'Armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris, De Boccard, 1982, pp. 65-67.

³⁶ Robert F. Baumann, *Russian-Soviet Unconventional Wars in Caucasus, Central Asia and Afghanistan*, Fort Leavenworth, Combat Studies Institute, Leavenworth Papers 20, 1993.

³⁷ Jean Morizot, *L'Aurès ou le mythe de la montagne rebelle*, Paris, L'Harmattan, 1995.

³⁸ Edgard O'Ballance, *Afghan Wars 1839-1992*, Londres, Brassey's, 1993.

³⁹ Citado em Jean-Paul Amat, “Forêt et défense du territoire. France du Nord-Est 1871-1914”, *Stratégique*, 56, 1992-4.

⁴⁰ Jean-Paul Amat, Forêt et défense du territoire. France du Nord-Est 1871-1914, *Stratégique*, 56, 1992-4.

Podemos acrescentar uma sexta função:

- *atrapalhar a progressão do inimigo*: o exemplo mais célebre é provavelmente a desaceleração do exército inglês do Canadá, durante a Guerra de Independência dos EUA. Após ter abandonado o forte de Ticonderoga, o general Burgoyne se refugiou numa região florestal⁴¹. Os *insurgentes* obstruem as rotas, abatendo grandes árvores. Cortado de sua base, incapaz de percorrer mais de uma milha por dia, sem esperança de ser socorrido, o exército inglês capitula finalmente em Saratoga, no dia 17 de outubro de 1777. Este procedimento foi ainda empregado durante as duas guerras mundiais, com uma eficácia total, por exemplo, pelos russos no Cáucaso em 1942. A este efeito de desaceleração se soma um efeito de isolamento, as colunas progredindo sobre vias diferentes, estando sem condições de se apoiarem mutuamente.

A esta tipologia centrada nos exércitos regulares, é preciso ainda acrescentar uma função alternativa:

- *servir de abrigo aos movimentos de guerrilha*: dos guerrilheiros gauleses aos seguidores de Andreas Hofer e aos maquis da Segunda Guerra mundial, a lista é longa.

Entre todas estas funções, uma apenas é nitidamente ofensiva. A floresta é, em princípio, um ponto de apoio tático ou uma barreira estratégica. Segundo a fórmula de Jean-Paul Amat, “*a floresta aumenta, numa forte proporção, o grau de incerteza inerente a todo combate*”⁴². De fato,

- “*ela torna difícil a localização do adversário que nela se introduz;*
- *ela diminui fortemente a eficácia dos fogos;*
- *ela entrava ou impede o deslocamento dos materiais pesados e motorizados;*
- *ela obriga a uma fragmentação, senão a uma diluição, das formações de combate;*
- *ela favorece, dos dois adversários, aquele que dispõe de armamento e de material portáteis*”⁴³.

É bastante surpreendente constatar que Clausewitz emite um julgamento negativo sobre a defesa das florestas no livro VI: “*Desde que se trata de uma linha de defesa, é preciso deixar as florestas atrás de si ou evitá-las a todo custo*”⁴⁴. Ele as acusa de atrapalhar a visão do defensor. Mas, no livro VII, ele sugere um julgamento inverso, reconhecendo que “*as florestas difíceis de atravessar devem também ser incluídas nos meios que acrescentam uma ajuda importante à defesa*”⁴⁵, ao ponto de lhe dar por vezes um nome (os maquis). Seus sucessores são ainda mais reservados, senão hostis, em face de um meio que não permite o planejamento de manobras rigorosas. Ao fim do século, L. Breton, retomando as conclusões de um general

⁴¹ E cortada por numerosos rios. Os *insurgentes* destruíram mais de quarenta pontes. John Bigelow Jr, *Principles of Strategy*, p. 137.

⁴² Jean-Paul Amat, “La forêt du stratège et du soldat dans les batailles de Morhange et de la Trouée de Charmes”, em *Forêt et guerre*, p70.

⁴³ Jacques Suant, “La forêt dans la guerre dissymétrique”, em *Forêt et guerre*, p. 105.

⁴⁴ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 518.

⁴⁵ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 630.

austríaco, avalia que as florestas devem ser “*mantidas de fora de toda concepção estratégica. Além da possibilidade de se lhe designar um papel de cortina protetora, elas não podem ser utilizadas senão nas operações táticas e ainda neste caso por tropas de pequeno efetivo*”⁴⁶. Entretanto, ele mesmo dá vários exemplos de imobilização de forças muito superiores por defensores protegidos sob árvores: em Sadowa (1866), uma divisão alemã imobilizou assim dois corpos de exército austríacos. Na Normandia (1944), o bosque normando impediu a utilização eficaz dos blindados após o desembarque aliado e facilitou a defesa alemã.

Em escala geoestratégica, a floresta não é mais um obstáculo na Europa desde os desbravamentos maciços da idade média. No nível operacional, sua ação se faz sentir fortemente até o início do século XIX, de maneira menor em seguida aos desmatamentos e à multiplicação das estradas (as florestas da Argonne, por longo tempo intransponíveis fora do período seco, e que tinham causado grande transtorno ao avanço do exército do Duque de Brunswick em 1792, perderam assim seu valor defensivo após 1815, como muitas outras). Em contrapartida, sua ação geoestratégica se faz ainda sentir nos países de selva, onde é praticamente impossível se aventurar fora das trilhas, pela dificuldade da penetração na vegetação extremamente densa. Os itinerários são conhecidos de antemão, dando uma vantagem decisiva ao guerrilheiro: os franceses se lembram dolorosamente da RC4*. Mas podem ocorrer aí duas exceções: os britânicos pensavam que Singapura não podia ser ameaçada pelo lado terrestre, a selva impedindo a progressão dos blindados: eles haviam simplesmente esquecido “*as plantações de héveas, cujas vias de penetração foram várias avenidas para as tropas nipônicas*”⁴⁷.

437. Obstáculos desérticos

Nos desertos gelados ou quentes, o obstáculo reside menos no clima (suportável se estamos preparados) ou na forma do terreno do que na ausência total de recursos. Uma tropa que decide atravessá-lo não encontrará, salvo exceção, nenhum aprovisionamento, nenhum abrigo. Ela deve então estar bem preparada e equipada. Desde o exército persa de Cambises perdido no deserto da Núbia, até o exército romano de Aelius Gallus desorientado no deserto iemenita, em 25, a Antiguidade conheceu várias expedições vencidas pelo deserto. A defesa joga, ao mesmo tempo, sobre o relevo (quando ele se presta: elevações, zonas rochosas...) e sobre as distâncias.

O deserto pode, entretanto, ser atravessado por exércitos bem adaptados. Os desertos azóicos, como o Lout iraniano, onde não existe nenhuma vida e que são quase intransponíveis devido à alternância de montanhas escarpadas e de depressões salinas onde a gente afunda⁴⁸, são a exceção mais do que a regra. As pesquisas arqueológicas recentes mostraram que o *limes*** romano da África avançava com frequência dentro do deserto saariano, onde uma rede de fortins controlava o oásis, pontos d'água e os caminhos⁴⁹. No século XIX, o exército russo conquistou os Khanats (de Khan) da Ásia central após as marchas intermináveis através do deserto: em 1873, Khiva foi atacada por 4 colunas vindas do norte, do leste e do oeste que percorreram centenas de quilômetros (1.500 para os do norte) sob um calor tórrido⁵⁰.

⁴⁶ L. Breton, *Du Rôle des forêts en temps de guerre*, Paris, Librairie Baudoin, 1894. Ele se apoia no livro do general austríaco Hauskka, *Ausbildung der Infanterie für das Waldgefecht*, 1890.

* Sigla da Rota Colonial nº 4, que interligava os batalhões franceses na guerra da Indochina. As emboscadas realizadas pelo Vietmihn contra os comboios de reabastecimento das forças regulares redundaram em grandes perdas para o exército francês. (NT.)

⁴⁷ Patrice Jorland, “Le Japon et la Deuxième Guerre mondiale”, *Historiens et géographes*, 344, junho-julho de 1994, p. 246.

⁴⁸ Jeran Dresch, “Le désert du Lout en Iran. Un désert absolu est-il franchissable? », *Hérodote*, 29, trimestre de 1980.

** Zona de fronteira fortificada de uma província do Império Romano. (NT.)

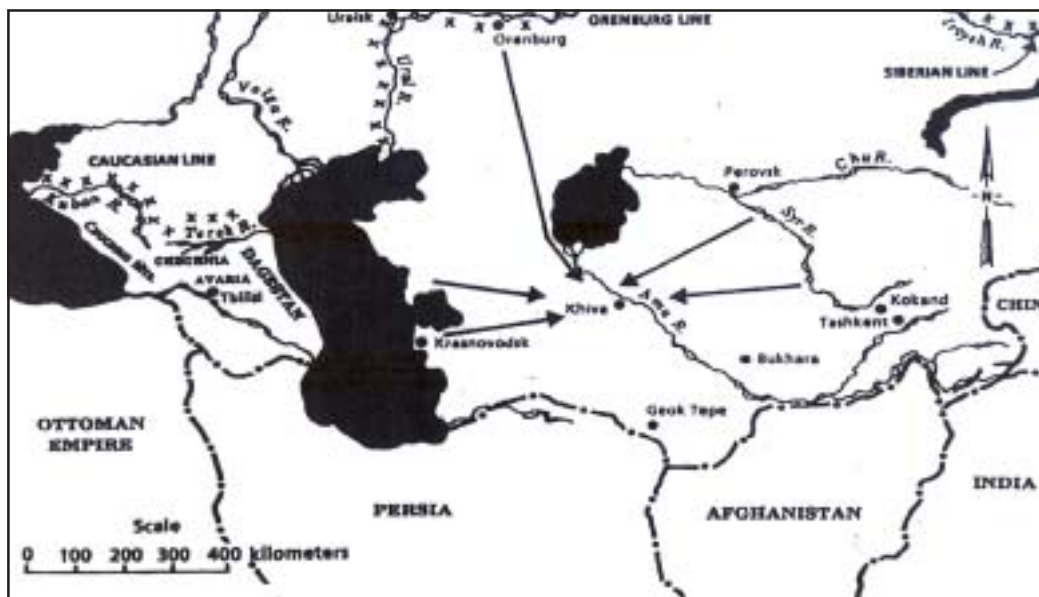
⁴⁹ René Rebuffat, “Une zone militaire et sa vie économique : le limes de Tripolitaine », em *Armées et fiscalité dans le monde antique*, Paris, Éditions du CNRS, 1977.

⁵⁰ Robert F. Baumann, *Russian-Soviet Unconventional Wars...*, pp. 62-68.

Atualmente, os meios mecanizados e aéreos diminuem o valor relativo dos obstáculos do deserto: o mulá insano da Somália ou Lawrence da Arábia não poderiam mais manter-se no deserto durante meses ou anos.

438. Obstáculos e transposições

Os obstáculos “naturais” devem ser dispostos, “valorizados” pelo defensor para ter a eficácia máxima: os obstáculos hidrográficos serão reforçados pela destruição de pontes, de eclusas ou de diques; a minagem das passagens rasas e das águas; as florestas por cortes sistemáticos; os desertos pelo envenenamento dos poços; sempre que possível, as estradas serão impedidas, cortadas por fossos ou minadas. Do outro lado, o atacante tem, todo o tempo, buscado utilizar tropas especializadas ou meios de transposição, com resultados bem variáveis.



A transposição de rios tem sido sempre um problema constante. Os soldados assírios eram equipados com cantis de couro individuais que, além de sua função principal, podiam servir de flutuadores; eles utilizavam também canoas de assalto em couro betuminado. Em 481 aC., Xerxes atravessou o Hellesponto (os Dardanelos) com seu exército, em duas pontes flutuantes concebidas por um engenheiro grego, Harpalos: 314 galeras (pelo bordo baixo) constituíram a ponte do oeste, 360 da ponte do leste, proeza extraordinária, mesmo que uma delas tenha sido deslocada pela tempestade⁵¹. Os romanos utilizavam diversas técnicas: Cesar cruzou o rio Loire com sua infantaria protegida por sua cavalaria que formava uma barragem fechada para anular a força da correnteza; para atravessar o Reno, ele construiu uma ponte (destruída ao fim da expedição); na passagem rasa do Sègre, para atacar o exército de Afranius, ele dá a ordem de contornar o curso do rio, procedimento já utilizado em 539 aC. por Ciro para se apoderar da Babilônia, protegida pelo Eufrates. Mas o imperador Juliano foi incapaz de atravessar o Tigre e vencer os canais que cobriam a Mesopotâmia, durante sua campanha contra os Pártacos em 363⁵². A época moderna vê o surgimento de uma arma especializada, a engenharia, com numerosas especialidades, sapadores, pontoneiros. Em 1595, Bernardino de

⁵¹ NG.L Hammond e L.J.Roseman, "The Construction of Xerxes' Bridge over the Hellespont", *Journal of Hellenic Studies*, CXVI, 1996.

⁵² M. Asarnouth, "La mort de Julien l'Apostat selon les sources iraniennes", *Byzantion*, 1991-2, p.322.

Mendoza sugere a confecção de pontes sobre charretes e Monluc, em seus *Commentaires*, dá um exemplo da aplicação delas para a passagem do Pó pelo exército francês. Em 1672, as tropas francesas atravessam o rio Reno a nado⁵³. Os “pontoneiros” aprenderão muito no período do Império, particularmente durante as campanhas de 1809 (com a ponte sobre o Danúbio em Essling, que se rompe logo no momento da primeira tentativa) e de 1812 (os “pontoneiros” do general Eblé viram lenda ao possibilitarem a travessia da Bérézina). Em outubro de 1915, o XXII Corpo de Reserva alemão atravessa à viva força o Save diante de Belgrado, apesar da largura do rio (de 300 a 750 metros), uma forte corrente e a resistência dos sérvios (que cometeram o erro de dispersar suas forças em linha ao longo do rio)⁵⁴. Em 21 de junho de 1941, para atravessar o Boug, os alemães experimentam os primeiros carros anfíbios (demonstração coroada de sucesso mas inútil, os ataques rápidos contra as pontes, com sua tomada e utilização tendo sido bem sucedidos). Em 1943-1944, os norte-americanos dispõem de meios, notadamente de pontes flutuantes, que permitem a passagem dos equipamentos mais pesados. A retomada ao longo do vale do rio Rhône poderá assim se efetuar sem dificuldades maiores, apesar das destruições alemãs⁵⁵.

A passagem dos rios foi vista com frequência como uma prova heróica e exaltada, além de qualquer medida, pela mitologia⁵⁶ ou pela propaganda: a passagem do Reno por Luís XIV, durante a guerra da Holanda, foi magnífica apesar do nível do rio estar muito baixo, o inimigo quase ausente (algumas centenas de homens sem canhões) e a “fortaleza” adversa ser, de fato, um simples posto de pedágio⁵⁷!

A travessia das montanhas e dos desertos é mais difícil, e, portanto, mais rara, menos pelas dificuldades da travessia propriamente dita do que pelo obstáculo criado assim entre a base de operações e o objetivo, colocando em risco o reabastecimento e, eventualmente, a retirada. A travessia de uma montanha ou de um deserto é mais longa do que a de um rio e exige uma preparação particular: é preciso que todo o exército seja preparado para enfrentar um ambiente hostil, que o reabastecimento siga, que os veículos e armas pesados possam passar. Muitos imperativos difíceis de realizar, porém que não necessitam de meios especiais nem de grande sabedoria.

Os progressos técnicos têm aumentado os meios de ação e reduzido proporcionalmente a influência do obstáculo terreno, sem entretanto fazê-lo desaparecer.

439 . O terreno na ofensiva

Naturalmente, o atacante busca um terreno liberado de obstáculos e, se possível, provido de recursos. A grande planície russa, o deserto são favoráveis à ofensiva. É isso que explica a repetição de batalhas sobre terrenos favoráveis, como Mantinée (três batalhas na Antiguidade), Fontenoy (841 e 1745), Fleurus (1693, 1794), Höchstädt (1703, 1704) ou Nicópolis (1396, 1877). Mas o atacante pode também escolher um terreno difícil, no qual o adversário surpreso não poderá organizar sua defesa. Foi isso que se produziu, por ocasião do desastre das legiões romanas de Varus em 9 d.C. : Arminius os surpreendeu na floresta de Teutobourg, dissimulando suas forças nas colinas, atrás de paliçadas em madeira mergulhadas

⁵³ Numerosos exemplos em *Réflexions politiques et militaires* de Santa Cruz, tomo II, pp. 218-221.

⁵⁴ General Milan Radenkovitch, “Franchissement de la Save devant Belgrade”, *Revue militaire générale*, agosto de 1937.

⁵⁵ Jean-Marie Riccioli, “De la Provence aux Vosges: le problème des cours d’eau et de leur franchissement par les unités françaises”, *Revue historique des armées*, 19943.

⁵⁶ Cf. Jean-Luc Desnier, *Le Passage du fleuve. Essai sur la légitimité du souverain*, Paris, L’Harmattan, 1995.

⁵⁷ Voltaire, *Le Siècle de Louis XIV*, Paris, p. 253.

na vegetação, numa passagem estreita limitada por pântanos. O endereço ideal para uma emboscada...

Pode ocorrer também que o atacante seja obcecado pelo terreno, pelos objetivos “geográficos”: os obstáculos, quando não podem ser contornados, são posições que devem ser tomadas “a qualquer preço”: nós sabemos qual foi este custo em 1914-1918, nos Éparges, em Vimy, em Mort-Homme (cujo cume foi rebaixado em 16 metros pelos bombardeios), mas também durante a campanha da Itália, em 1943-44, no Monte Cassino; este não pôde ser tomado por um ataque frontal e foi finalmente contornado.

Na época contemporânea, por uma reviravolta surpreendente, o deserto, anteriormente tão desfavorável aos exércitos regulares, tornou-se, segundo o mestre incontestado do gênero, “o único teatro de operações onde os princípios da guerra dos carros e das unidades motorizadas... podiam ser plenamente aplicadas e mesmo aperfeiçoadas. E este foi o único campo de batalha onde se desenvolveram, no estado puro, as batalhas de carros em grandes formações... Desta campanha de unidades móveis na África, certos princípios se destacam, que não têm nenhuma semelhança com os ensinamentos das outras frentes de combate”⁵⁸, princípios que trazem as consequências do que Rommel chama “a completa mobilidade”. Em verdade, isso não é uma novidade absoluta, pois esta mobilidade era conhecida já pelos cavaleiros da Ásia Central e notadamente dos maiores conquistadores da história, os mongóis, que partiram das estepes à conquista do mundo e estiveram bem próximos de consegui-lo⁵⁹.

Os vales dos rios penetrantes são itinerários de invasão privilegiados. O coronel Suire colocou em evidência as semelhanças entre quatro manobras, aquelas de Turenne em 1646, de Malborough em 1704, de Napoleão em 1805, de Patch e de Lattre em 1945, no mesmo teatro de operações, entre o Lech e o alto Danúbio⁶⁰. “A importância dos grandes vales, como ocasiões e bases de manobras é tal que quase todas as grandes batalhas (da Grande Guerra) ostentam nomes de rios (Marne, Aisne, Somme, Yser, San, Dniestr, Isonzo, Piave), não por eles terem sido realmente obstáculos estratégicos, mas antes porque eles significavam verdadeiras “sínteses de objetivos estratégicos”⁶¹. Em regiões montanhosas, os vales são naturalmente as vias de penetração selecionadas. Uma vez que eles são raros, eles determinam toda a estratégia. Na Iugoslávia, o vale do Vardar é a única ligação com a Grécia. Ele hospeda a ferrovia Belgrado-Salônica, que atormentou o estado-maior francês no período entre-guerras. Atualmente, a confederação Sérvia-Montenegro não tem mais do que uma pequena embocadura costeira sobre o Adriático numa região bastante montanhosa, impossível de acolher uma ferrovia de grande capacidade. A Sérvia sabia disso desde 1918 e teria desejado adquirir o vale do Drin, com capacidade de execução de uma ferrovia estratégica, mas a conferência de paz o deixa para a Albânia⁶². No Vietnã, o rio Bach Dang constitui uma via de penetração para o invasor chinês: este é reprimido três vezes, em 939, 981, 1228, durante os combates navais que salvam a independência do Estado vietnamita⁶³.

Fala-se também, muito facilmente, de **vias naturais de invasão**, pensando-se, de início, nas passagens das Termópilas na Grécia, no desfiladeiro de Fulda na Alemanha central, no desfiladeiro de Gorizia ao norte da Itália, na passagem de Kasserine na Tunísia, no corredor

⁵⁸ Marechal Rommel, *La Guerre sans haine*, Paris, Le livre contemporain, 1960.

⁵⁹ Um bom resumo em Gérard Chaliand, *Les Empires nomades, de la Mongolie au Danube*, Paris, Perrin, 1995.

⁶⁰ Coronel M. Suire, “Permanences à travers l’histoire militaire”, *Le Casoar*, nº 52, dezembro de 1973.

⁶¹ Major A. Lucien, “Les objectifs géographiques...”, p. 30.

⁶² Roland Grummel, *La Yougoslavie dans la stratégie française, thèse*, Paris IV, 1996.

⁶³ Lê Dinh Tong, “La marine vietnamienne avant l’arrivée des français”, *Marins et Océans III*, 1992.

de Kan-su no norte da China, na passagem de Khaïbar no Afeganistão. Neste último país, montanhoso em excesso, as gargantas comandam toda a estratégia: na guerra que o devasta depois da invasão soviética, as mesmas posições reaparecem periodicamente: o ferrolho (barreira de formação rochosa) de Yakawlang, que comanda o acesso à Hérat e às províncias do oeste; a passagem de Salang, que liga Kabul ao norte.

O inconveniente deste tipo de raciocínio é conduzir a uma fixação sobre um local designado com antecedência, em detrimento da idéia de manobra. Por outro lado, é raro que essas vias “naturais” não possam ser contornadas: o desfiladeiro de Fulda, o de Gorizia são os caminhos de invasão mais cômodos, mas não são os únicos. O caso das Ardenas é bem conhecido. Aqui não temos montanhas elevadas, mas seus vales são plenos de árvores e frequentemente pantanosos, logo fáceis de utilizar como barreiras. O Duque de Wellington, em 1816, os julgava dificilmente transponíveis. Entretanto, um exército de 40.000 homens os havia atravessado em 1692, por ocasião da reincorporação de Sedan à França. Por outro lado, no século XIX, “*as necessidades da agricultura e da exploração florestal haviam traçado bons caminhos através do pantanal*”⁶⁴, Mézières e Sedan tinham se tornado nós ferroviários importantes; no século XX, a rede estava perfeitamente desenvolvida. Mas a hierarquia francesa não havia tomado consciência dessa evolução⁶⁵.

A história é cheia de exemplos de defensores surpresos em locais julgados impraticáveis: em 1917, o generalíssimo italiano Cadorna estabelece uma cobertura apenas leve no setor de Caporetto “*pois o terreno aí é tão difícil que os atacantes serão barrados facilmente*”. No Cáucaso, em 1942, quando a resistência russa nos vales é muito forte, os alemães executam desbordamentos pelos cumes, sendo que alguns estão a mais de 3.500 metros de altitude⁶⁶. No verão de 1944, quando os soviéticos lançam sua ofensiva na Bielorrússia, os pântanos de Pripet, ao sul do dispositivo, impedem toda a utilização maciça dos blindados. Mas três características dos pântanos vão se revelar favoráveis aos atacantes: de um lado, estes podem concentrar as forças sem serem observados, pois o pântano limita as possibilidades de observação adversas; de outro, a cavalaria pode operar aí com eficácia; e finalmente, é impossível de aí estabelecer uma frente defensiva contínua. Os russos tirarão plenamente vantagem desses fatores: lá, como em outras vezes, sua investida será irresistível⁶⁷.

440. A natureza do terreno

Aos obstáculos propriamente ditos soma-se a **particularidade do terreno**, que resulta de sua natureza geológica: dependendo de ele ser móvel, resistente, arenoso, pesado, sua estrutura facilitará ou prejudicará a escavação de abrigos subterrâneos e de trincheiras, será mais acessível aos equipamentos pesados, à artilharia...

*Em termos muito gerais, pode-se dizer que as estradas são boas em qualquer estação numa região granítica...As estradas são muito poeirentas no verão nas regiões calcárias e são escorregadias após as chuvas...Enfim, nos terrenos argilosos ou barrentos, as estradas, boas durante os meses secos, se transformam em canais lamacentos, cortados de valas após as chuvas de primavera e outono*⁶⁸.

⁶⁴ Jean Doise, “Les rideaux défensifs dans l’oeuvre de Séré de Rivières”, em *Actes du colloque du centenaire de l’École supérieure de guerre*, Paris, 1976, p. 71.

⁶⁵ Cf Capitão R. Thoumin, “L’Ardenne française. Étude de géographie militaire”, *Revue militaire générale*, julho de 1937, que retoma a imagem de um obstáculo dificilmente transponível.

⁶⁶ Jean Delmas, “Les opérations en haute et moyenne montagne du Caucase”, p. 351.

⁶⁷ *Selected German Operations on the Eastern Front*, vol. I, *The Collapse of Army Group Center 1944*, Carlisle Barracks, Us Army War College, 1983, p. 51.

⁶⁸ Robert Villate, *Les Conditions géographiques de la guerre*, p.23.

Este fator se revelou particularmente importante durante a Primeira Guerra mundial. Sua ação foi um pouco subestimada durante a Segunda (Guerra). A guerra mecanizada reforçou-a entretanto. Em 1941, como em 1943-1944, os combates mais duros da frente central, na Rússia, ocorreram na parte norte da Bielorrússia, lá onde o terreno firme facilita o emprego de carros: é a “Porta de Smolensk”, já utilizada por Napoleão. Não é porque não haja obstáculo que o terreno seja praticável, sobretudo para um emprego intensivo.

O fator geológico se revela sobretudo nos níveis tático e operativo. Mas ele deve ser considerado, num nível mais elevado, desde o planejamento, a fim de determinar os terrenos dominantes do teatro de operações e suas características específicas. Os exercícios Bright Star, conduzidos no Egito nos anos 1980, revelaram assim aos norte-americanos que a areia do Oriente Médio era mais fina do que a do Colorado, o que os obrigou a utilizar novos filtros de areia.

441. Os aspectos da ocupação humana

As cidades constituem um objetivo privilegiado. É lá onde se concentra a população e a riqueza. Um dos objetivos principais de uma campanha é geralmente a tomada da capital pois esta é, ao mesmo tempo, um desafio simbólico (com frequência sua queda quebra a vontade de resistência da nação) e sobretudo um centro vital de convergência e irradiação de comunicações. A ordem de operações do general von Moltke, em 1870, enuncia com simplicidade o significado de uma marcha sobre Paris: “*É marchando sobre esta cidade que nós podemos mais seguramente atingir nosso objetivo, o exército inimigo*”⁶⁹. Hitler comete o erro decisivo de retardar o assalto contra Moscou em 1941 para antes se apoderar das riquezas da Ucrânia e esta prioridade dada à geoeconomia em relação à geoestratégia vai-se revelar desastrosa.

Objetivos de ataque, as cidades e as vilas podem também servir de pontos de apoio da defesa. Eles impõem passagens obrigatórias pelas pontes, quarteirões, praças... e também as ruínas servem de obstáculos favoráveis à defesa, o que se verificou tanto em Saragossa, em 1809, como em Stalingrado e em Monte Cassino. Mesmo espaços restritos permitem uma resistência vigorosa: o ponto de apoio da Westerplatte, perto de Dantzig, defendido por uma guarnição de 188 homens, atacada em 1 de setembro de 1939, resistiu até o dia 7, apesar da intervenção de 60 Stukas e dos canhões de 280 mm do velho encouraçado *Schleswig-Holstein*, ele não cobria mais do que seis hectares.

442. Manobra de destruição

Esses aspectos da ocupação humana se configuram como fatores estáticos, pois eles não são facilmente modificáveis, mesmo se a tática (ou antes, a estratégia) da terra arrasada seja tão velha quanto a própria guerra. Seu espectro tem com frequência assustado os espíritos, mas sua eficácia tem sido também com frequência superestimada. Victor Hanson relativizou fortemente as destruições causadas às culturas no mundo mediterrâneo antigo: a extração sistemática das árvores e dos vinhedos era “*praticamente impossível*”, em razão da dureza particular da madeira da oliveira e da densidade das plantas dos vinhedos por hectare; o incêndio dos terrenos somente era realizável “*durante um curto período, imediatamente antes da colheita*”, os grãos verdes não são combustíveis (e, de resto, não comíveis). “*Devastar uma agricultura estava longe de ser uma tarefa simples. Mesmo bem sucedida, ela tinha em geral poucos efeitos a longo prazo*”⁷⁰.

⁶⁹ Citado em Général Duffour, “L’élément terrain en stratégie », *Stratégique*, 58, 1995-2, p. 78.

⁷⁰ Victor Davis Hanson, *Le Modèle occidental de la guerre*, p. 63.

Conduzida de maneira sistemática, a manobra das destruições pode entretanto opor um obstáculo temível ao assaltante, retardando seu avanço e privando-o de todo recurso. Napoleão teve esta experiência durante a campanha da Rússia. Em 1917, por ocasião da ação retardadora sobre a linha Hindenburg, depois em 1918, durante sua retirada, os alemães recorreram maciçamente às destruições. Sua ação retardadora atua plenamente nos dois casos: em 1917, sem nenhum combate, a progressão aliada foi reduzida a uma média de 5 km por dia, de modo que os alemães não puderam ser jamais alcançados durante sua evasão; em 1918, a retirada alemã se realizou ordenadamente e as dificuldades de progressão impediram o avanço aliado de forma a causar desordem e destruição à frente adversária⁷¹.

443. Manobra de evacuação

A destruição é um procedimento puramente defensivo, com objetivo imediato. Mas, ao menos em país amigo, ela se choca com um problema psicológico, frequentemente difícil de superar. Quando se tem tempo, ou simplesmente quando se está bem organizado, ela pode se combinar com a evacuação dos meios úteis à continuação da guerra.

À época contemporânea, o caso mais marcante de evacuação de instalações industriais é o que foi realizado pelos russos em 1941-42 com a desmontagem das usinas mais importantes e sua reinstalação nos Urais. O Conselho de Evacuação é formado desde 24 de junho de 1941, dois dias após a invasão, e as desmontagens começam no início de julho; 700 grandes usinas serão assim remontadas nos Urais, na Sibéria ocidental ou na Ásia central, 25 milhões de pessoas no total serão deslocadas. A eficiência com a qual é conduzida esta operação gigantesca contrasta curiosamente com as deficiências e os erros grosseiros na condução das operações militares⁷². As perdas apesar disso foram imensas e os historiadores se perguntam atualmente se a União Soviética teria podido resistir sem os aportes maciços de material anglo-saxão por meio dos célebres comboios de Murmansk. Insignificantes nos primeiros meses, as entregas em seguida tornam-se maciças: 11.000 carros, 21.000 aviões..., tudo sendo inferior à produção local: a URSS construiu, durante a guerra, 80.000 carros e 50.000 aviões⁷³. Mas houve envios também de numerosos produtos de primeira necessidade, imprescindíveis à União Soviética e que ela não tinha condições de produzir.

SUBSEÇÃO II – MORFOESTRATÉGIA

444. A forma

Os geógrafos do fim do século XIX, Ratzel em particular, fizeram um uso por vezes excessivo da forma do Estado, da qual eles pretendiam extrair extrapolações em todos os domínios. Esse gênero de exercício não tem mais valia atualmente, mas a forma permanece uma componente da geoestratégia. A forma, compacta, longilínea ou fragmentada de um Estado ou de um grupo de Estados determina a extensão das frentes a defender ou das bases de ataque.

O Estado de Israel é um bom exemplo. Antes de 1967, as separações da Cisjordânia e da Faixa de Gaza redundaram em fronteiras desmesuradamente estendidas (1 km de fronteiras

⁷¹ Tenente-coronel Baills, “La manoeuvre des destructions”, *Revue militaire française*, 19273.

⁷² Frederick Kagan, “The Evacuation of Soviet Industry in the Wake of Barbarossa: A Key of Soviet Victory”, *The Journal of Slavic Military Studies*, 1995-2.

⁷³ Cf Hubert P. Van Tuyll, *Feeding the Bear: American Aid to the Soviet Union 1941-1945*, Westport, Greenwood Press, 1989.

por 21 km²). Após a guerra dos Seis Dias, a conquista da Cisjordânia e da Faixa de Gaza permitiram uma redução das fronteiras terrestres, embora o espaço estratégico israelense tenha fortemente aumentado (857 km em vez de 985, 1 km por 104 km²).

Ocorre o mesmo em tempo de guerra. Uma forma compacta favorece a defesa enquanto que uma forma alongada ou recortada multiplica as possibilidades oferecidas ao atacante. A Polônia, em 1939, era indefensável diante de um atacante alemão que podia atacar partindo do oeste (Pomerânia), do norte (Prússia oriental) e do sul (Silésia). A história militar é plena de retiradas “estratégicas” destinadas a encurtar as frentes (e as linhas de comunicações) pela supressão de salientes*. Estes constituem as bases de partida para o atacante, que pode montar a partir deles movimentos em pinça. Certos salientes têm conhecido uma longevidade excepcional. O saliente de Saint-Mihiel foi mantido pelos alemães do fim de 1914 a setembro de 1918. Sobre a frente russa, a ofensiva soviética do inverno de 1941-1942 criou uma bolsa no interior do dispositivo do grupo de exércitos Centro, ladeado por dois postos de guarda avançados, os salientes de Demiansk e de Rjev; os alemães os conservaram, na esperança de um retorno ofensivo, antes de se decidir a evacuá-los (sem perdas) em 1943.

No nível da geoestratégia, a forma é eclipsada pelas distâncias, ao ponto de não haver mais do que uma influência residual. Ela não é entretanto desprovida de significado. A diferença entre a África compacta e a Ásia recortada, bordada de penínsulas, então mais aberta à penetração e às intervenções exteriores, é clara. Derwent Whittlesey havia assim calculado que para uma milha de costa, a Europa tem 289 milhas quadradas de superfície, a América do Sul 689 e a África 1.420⁷⁴.

SUBSEÇÃO III – FISIOESTRATÉGIA

445. Espaço e posição

Enquanto a topoestratégia e a morfoestratégia estudam o espaço em si, na sua própria configuração, o objetivo da fisioestratégia é de compreendê-lo em relação à totalidade do sistema, num enfoque dinâmico. Dois elementos devem ser levados em consideração.

De início, as distâncias, critério que obriga a pensar verdadeiramente em termos de espaço e não mais de terreno. Este fator é o mais importante no plano mais elevado, aquele da grande estratégia, da estratégia global; ele distingue verdadeiramente a geoestratégia da geografia militar. Esta se manifesta em todos os níveis, enquanto que a geoestratégia só é concebível no escalão mais elevado: uma “microestratégia” (sobre o modelo da geopolítica das regiões francesas de Yves Lacoste) seria apenas uma geotática.

Em seguida, a posição, à qual Ratzel relacionava uma importância decisiva. É ela que determina o que nós chamamos a importância estratégica de uma área dada, noção tão raramente empregada, quanto raramente definida.

446. Distâncias e ofensiva

A primeira formulação de idéia de esgotamento de ofensiva em função da distância parece ser (se nós descartamos algumas observações vagas) o feito de Frederico, o Grande.

* Parte avançada de uma linha de entrincheiramento. (Dicionário Aulete Digital). NT.

⁷⁴ Derwent Whittlesey, *The Earth and the State*, New York, Holt, 1939, p. 308.

Eu observo que todas as guerras empreendidas longe das fronteiras daqueles que as realizam não têm o mesmo sucesso que aquelas que se passam próximo da pátria. Não seria por um sentimento natural do homem, que sente ser mais justo defender-se do que espoliar seu vizinho? Mas talvez a razão física seja mais importante do que a moral, pela dificuldade de assegurar os recursos num enorme distanciamento da fronteira, de fornecer a tempo os recrutas, a manutenção, os uniformes, as munições de guerra etc⁷⁵.

Clausewitz retoma a idéia: ele põe como regra que “*quanto mais estendida a esfera das operações que ele deva atravessar, mais o exército assaltante é enfraquecido*” e ele dá um exemplo da campanha da Rússia: “*meio milhão de homens atravessam o Niemen, 120.000 combatem em Borodino e menos ainda chegam a Moscou*”⁷⁶. Ele chega assim a uma verdadeira “lei”:

Todo avanço ao longo do ataque estratégico enfraquece aquele que o lança, por sua simples existência ou porque uma divisão de forças torna-se necessária⁷⁷.

O almirante Castex a sistematiza nos seus últimos escritos: “*A superfície se apresenta como um terrível devorador de homens, de efetivos, de material, de meios de toda espécie*”⁷⁸. Isso é verdadeiro, mas a ocupação do território inimigo é a única maneira de vencer um adversário cujas forças recusam a batalha no exterior. Recusar esta ocupação significa reconhecer ao inimigo um santuário ao abrigo do qual ele pode reconstituir suas forças e levar uma resistência quase ao infinito, como os EUA aprenderam no Vietnã.

Não seria necessário concluir tão rápido, como teve a tendência a fazê-lo Castex, que a ofensiva se esgota mecanicamente com a distância. Albert Wohlstetter havia denunciado esta “ilusão”, afirmando, de maneira bastante absoluta, que ela não havia sido jamais verdadeira⁷⁹. O alongamento das vias de comunicação é um perigo potencial, mas tudo depende, uma vez mais, dos meios logísticos disponíveis para atender às necessidades das forças; tropas rústicas podem se contentar com pouco: durante a campanha de 1806-1807 contra os russos, as unidades do Grande Exército sobreviveram durante vários dias graças a um depósito de arenque salgado; o soldado vietnamita se contentava com o seu bolo de arroz; uma tropa ocidental moderna não aceitaria tais condições de vida, ou melhor, de sobrevivência. Pouco importa que as linhas de comunicações sejam extensas, desde que elas sejam seguras e os meios existam. Exceto em Stalingrado, a Wehrmacht conseguiu (mais ou menos) estabelecer seu reabastecimento, e sua mais poderosa ofensiva, a de Kursk, foi realizada muito longe, no interior da Rússia.

É igualmente excessivo dizer, como se faz com bastante frequência, que a guerra moderna atingiu, ao menos na sua dimensão terrestre, espaços e velocidades até então desconhecidos. Sem remontar até as invasões dos cavaleiros mongóis, que permanecem até hoje como a demonstração mais terrificante de guerra-relâmpago⁸⁰, com resultados inigualados

⁷⁵ Frédéric II, *Histoire de mon temps*, em *Bibliothèque historique et militaire* de Ch. Liskenne e Sauvan, tomo V, p. VIII.

⁷⁶ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, pp. 408-409.

⁷⁷ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, pp. 429.

⁷⁸ Almirante Castex, *Théories stratégiques*, VI, p. 44.

⁷⁹ Albert Wohlstetter, “Illusions of Distance”, *Foreign Affairs*, abril de 1968, p. 243. É verdade que ele ressaltava que seu raciocínio se aplicava de fato ao Poder Marítimo.

⁸⁰ Denis Sinor, “On Mongol Strategy”, em seu conjunto de artigos *Inner Asia and its Contacts with Medieval Europe*, Londres, Variorum Reprints, 1977.

tanto no espaço (das costas do oceano Pacífico até o coração da Hungria!), quanto nos resultados (certos historiadores não hesitam a atribuir a Gengis Khan várias dezenas de milhões de mortos, numa época em que a população não atingia nem o meio bilhão!), é preciso lembrar que Napoleão conduziu seu exército do extremo da Espanha até o coração da Rússia e que a velocidade de marcha do Grande Exército (Grande Armée), durante as campanhas de 1805 ou 1806, é aproximadamente a mesma da *Blitzkrieg* de 1940, várias dezenas de quilômetros por dia: por ocasião da perseguição após Iena e Auerstaedt, a infantaria fez etapas de 40 km, percorrendo até 120 km em 59 horas.

447. Distâncias teóricas e distâncias reais

Enquanto que a geopolítica trabalha voluntariamente a partir de abstrações (o *Heartland* de Mackinder, o *Rimland* de Spykman, as pan-regiões de Haushofer), a geoestratégia não pode se dispensar de combinar as distâncias com outros fatores. As centenas ou os milhares de quilômetros, já consideráveis e mesmo enormes sobre uma carta, tomam uma outra significação sobre o terreno. O general Dietl não pôde jamais atingir os 100 km que separavam a fronteira norueguesa de Murmansk. Uma visão “olímpica” sugere que os russos estavam, após o golpe de Kabul, a “duas etapas do Tour de France” dos “mares quentes” (500 km entre o sul do Afeganistão e o estreito de Ormuz). Isso é esquecer o que são esses 500 km: “*se os kabout ou as milhares de ravinas do Baluquistão são acidentes “menores” do relevo, somente representáveis sobre cartas de grande escala, seu número é tal que a transposição dessas extensões, onde as estradas são raras, seria uma operação mais longa e mais difícil do que nós cremos habitualmente*”⁸¹

448. O alargamento contemporâneo das distâncias

Atualmente, de um ponto de vista estratégico, o espaço é unificado pela aparição de meios de transporte que permitem atacar rápido e distante. O avião tende, senão a abolir, ao menos fortemente atenuar, a cisão entre a terra e o mar e entre a linha de frente e a retaguarda. Não existe mais nenhum ponto do território inimigo que não esteja exposto a um ataque aéreo. Após haver absorvido a totalidade da esfera terrestre, a estratégia se projetou além, dando origem a uma geoestratégia do espaço, esboçada por Isabelle Sourbès⁸².

Esta dilatação do espaço estratégico conduz atualmente ao desenvolvimento simultâneo de operações sobre teatros cada vez mais distanciados entre si. Enquanto a Primeira Guerra mundial foi uma guerra quase exclusivamente européia, a Segunda foi verdadeiramente mundial, com teatros de operações estabelecidos sobre centenas, por vezes milhares de quilômetros de distância. A *Blitzkrieg* oferece um exemplo particularmente notável desta extensão: em 1940, ela se desenvolve das Ardenas belgas ao mar, numa faixa de 300 a 400 km, distância que um carro de combate em bom estado pode vencer sem pane maior e com um apoio logístico com condições mais ou menos boas de acompanhamento. A partir do ano seguinte, a guerra na África e na Rússia se desenvolve sobre espaços bem mais extensos. Logo que o *Afrika Korps* chega, após sua fantástica cavalgada, diante de El-Alamein, ele se encontra a 2.200 km de sua base de partida. Na Rússia, o principal objetivo da operação Barbarossa se encontra a 1.200 km em linha reta da linha de partida. As tropas alemãs penetram no interior do território russo até o monte Elbrouz, ponto culminante do Cáucaso.

⁸¹ Yves Lacoste, “Les différents niveaux d’analyse du raisonnement géographique et stratégique”, *Hérodote*, 2º trimestre de 1980, p4.

⁸² Isabelle Sourbès, “Géostratégie de l’espace”, *Stratégique*, 50, 1991-2.

O poder marítimo se desloca a distâncias ainda mais consideráveis, através dos oceanos (infra nº 454). Da mesma forma o poder aéreo, mesmo que os aviões de 25.000 km de raio de ação entrevistados por Alexander de Seversky permaneçam ainda como um sonho. O tamanho de seus percursos não aumenta para tanto o tempo de reação da defesa, pois é apenas na última parte de sua trajetória que eles atingem os **pontos de diferenciação**, quer dizer “*regiões a partir das quais os meios reservados do adversário (o atacante) tomam uma direção tal que não lhes é praticamente mais possível tomar uma outra direção*”⁸³. Por exemplo, em novembro de 1942, os comboios que partiam da costa leste dos Estados Unidos poderiam dirigir-se indiferentemente para as costas francesas do Atlântico, as costas da África ocidental e do Mediterrâneo com, neste último caso, a escolha entre a África francesa do norte e a Líbia. O paralelo de La Coruña, Gibraltar e a Sicília constituíam os pontos de diferenciação das possibilidades aliadas.

Vários autores tentam retratar esta globalização por neologismos; o almirante Labouerie fala assim de “*estratomundo*”⁸⁴, o general Douin de “*aerosfera*”⁸⁵. Nós nos prenderemos aqui ao princípio invariável de parcimônia de Guillaume d’Occam: “*Os conceitos não devem ser multiplicados sem necessidade*”.

449. A posição

O interesse de uma zona pode ser político (o trunfo que representa uma capital, uma região fronteira...), econômico (por sua riqueza agrícola, mineral, industrial), mas também estratégica. Denominamos posição ou zona estratégica (ou de interesse estratégico) toda posição ou zona cuja possessão confere àquele que a detém uma vantagem estrutural para a condução do conflito. Esta vantagem pode ser puramente militar (controle de uma base de partida, de uma posição central, de uma linha de comunicação, de uma barreira defensiva...), mas também econômica (controle de recursos vitais para a condução do conflito; infra nº 452) ou mesmo simbólica (a queda de Verdun, em 1916, não teria conduzido à destruição da frente francesa, mas talvez à do moral francês). De um ponto de vista militar, ele resulta menos das características próprias da zona (características que atuam mais aos níveis tático e operativo) do que da sua situação no seio do sistema global. A Bélgica não tem uma importância decisiva em si mesma, mas é o caminho mais fácil entre a Alemanha e a França, o que a torna de fato um campo de batalha permanente. A história militar permite marcar as regiões com esse potencial vantajoso, para quem detiver sua posse, e a frequência das campanhas que aí se desenrolaram é um bom índice de sua importância estratégica.

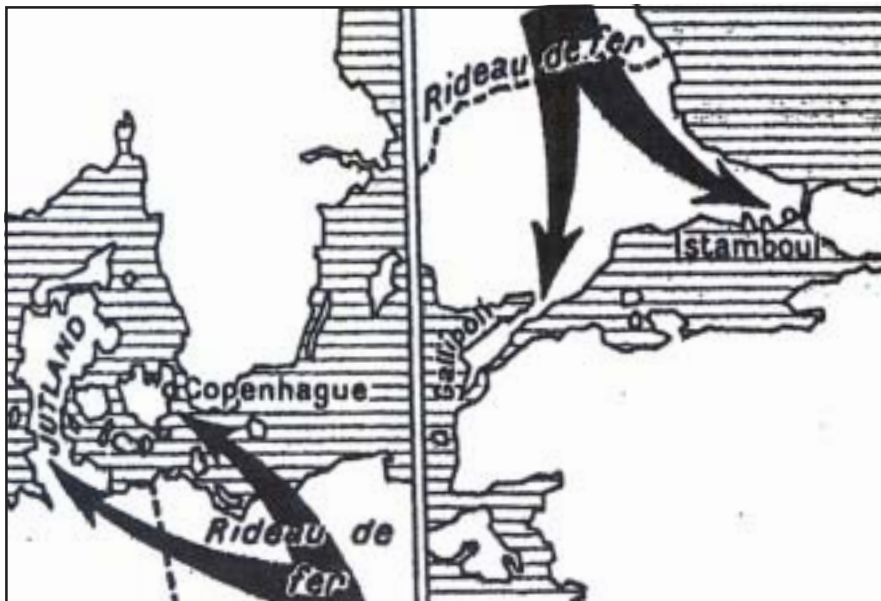
Evidentemente, essa importância não decorre somente do fato de sua posição: é preciso também levar em consideração as outras características da zona considerada, assim como suas funções: pode tratar-se de uma via de invasão, em cujo caso a existência ou a ausência de obstáculos e as vias de comunicações são determinantes, como também pode tratar-se de uma base, em cujo caso suas defesas naturais (posição insular como Malta ou montanhosa como Gibraltar) onde as facilidades que ela oferece (águas profundas, pistas de aviação) são decisivas. Mas a posição é realmente o fator determinante: Gibraltar “controla” o estreito de mesmo nome, Malta está excepcionalmente bem posicionada na junção das duas bacias mediterrâneas. O “quadrilátero da Boêmia”, no coração da Europa, é o ponto focal do antagonismo entre as potências do centro da Europa. A importância estratégica da Dinamarca

⁸³ Tenente-Coronel d’Esclaibes, *Le Renseignement vu sous l’angle du 2^e bureau*, Études opérations de l’École supérieure de guerre, 1949-1950, p. 32.

⁸⁴ Vice-almirante Labouerie, *Défense et océans*, Paris, ADDMIM, 1994.

⁸⁵ General Douin, “Vers un nouvel équilibre entre les fonctions opérationnelles”, *Défense nationale*, 14 de julho de 1996 (suplemento especial).

se relaciona aos estreitos que ela controla, da mesma forma que a Turquia. No sentido inverso, o interesse da Bulgária está ligado, em grande parte, à sua proximidade dos estreitos turcos, e o de Schleswig-Holstein ao fato de permitir à potência do leste acessar o Mar do Norte contornando a geleira dinamarquesa. O almirante Célérrier havia assim destacado a similitude dos estreitos dinamarqueses e turcos, no contexto da Guerra Fria.



O risco de tal abordagem refere-se à ausência de critério objetivo da importância estratégica de uma zona. Cada monografia regional ou local insiste sobre as qualidades importantes do objeto em estudo, de modo que é fácil demonstrar que nenhuma parte do mundo é desprovida de importância ou de interesse estratégico. A posição é o critério mais propício aos raciocínios pseudogeográficos.

SUBSEÇÃO IV – METEOESTRATÉGIA

450. O clima

Último fator estático, as ocorrências meteorológicas: os grandes frios de inverno, as chuvas de primavera ou de outono, mas também por vezes os grandes calores estivais enfraquecem as tropas, tornam difícil o reabastecimento, podem retardar o ataque, como ocorreu em Verdun em fevereiro de 1916, ou sobre a frente ocidental em 1939-1940. Clausewitz atribui-lhe apenas uma importância secundária, na tática, sendo a batalha um momento breve, e assinala, sem prender-se a isso, entre as “*circunstâncias que acompanham o emprego dos meios... os fenômenos atmosféricos, notadamente os fenômenos excepcionais*”⁸⁶. Ele não insiste muito nisso, apesar da campanha da Rússia, porque a guerra se desenvolve quase exclusivamente nas regiões temperadas e porque os generais têm uma tendência espontânea a duvidar de tudo o que poderia atrapalhar suas manobras: os ataques noturnos, em tempos de chuva ou com nevoeiro, têm sido sempre a exceção antes do que a regra. É todavia

⁸⁶ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 137.

aproveitando do nevoeiro que o ataque alemão conseguiu atravessar, em 21 de março de 1918. Em dezembro de 1944, o general von Manteuffel lança seu ataque nas Ardenas às 5h30 da manhã com projétores fornecidos pela Flak (DCA) que iluminam o caminho das tropas de assalto, projetando seus fachos luminosos sobre as nuvens para que eles se reflitam sobre o solo⁸⁷.

A influência das condições meteorológicas é mais fortemente sentida nas regiões frias ou quentes. A Rússia constitui, certamente, um extremo. A retirada de 1812 é um exemplo tornado célebre. Hitler fará uma experiência semelhante em 1941. O exército alemão se choca com o problema da lama na primavera e durante as chuvas de outono, da poeira no verão, e sobretudo do frio no inverno, frio de tal forma intenso que gruda por vezes ao solo as esteiras dos carros, ao ponto de obrigar as tripulações a recorrerem ao bico de solda e a deixar os motores virando toda a noite⁸⁸. O grupo de forças Norte registrará casos de soldados mortos de maneira particularmente horrível, o líquido raquidiano congelado por ter colocado seu capacete diretamente sobre a cabeça. O número de homens fora de combate por congelamento, notadamente nos pés, atingirá em certas unidades proporções assustadoras. Durante o cerco de Stalingrado, a ponte aérea será constantemente atrapalhada pelo mau tempo e pelo frio que reduzirão os aviões efetivamente disponíveis a menos da metade do número teórico⁸⁹.

A principal característica deste elemento estático é, paradoxalmente, sua instabilidade e sobretudo sua imprevisibilidade, mesmo se os progressos da meteorologia permitem refinar as previsões e, ainda, de ultrapassar o curto termo (2 a 3 dias) para identificar períodos favoráveis, com um grau de confiabilidade aceitável. O homem é fortemente desarmado em face dos elementos naturais. Não existe, entretanto, também nesses casos, determinismo absoluto, uma vez que tropas bem preparadas e equipadas podem resistir a frios intensos, frequentemente ao preço de algumas precauções elementares⁹⁰. Poderíamos citar numerosos exemplos de transposição dos Alpes no coração do inverno (Catinat pela garganta de “Fenêtre” em 1690, Macdonald pela garganta do Splügen em 1800). Durante as duas guerras mundiais, os soldados alemães da frente leste aprenderam muito rápido que não deveriam usar botas justas, mas tê-las maior um ou dois números, para preenchê-las com palha ou jornal. A partir do inverno de 1942-1943, a intendência forneceu à Wehrmacht excelentes trajes de inverno. Os novos carros *Panther* e *Tiger* possuíam, à imagem de seus homólogos soviéticos, esteiras largas que lhes permitiam evoluir sobre terrenos lamacentos ou cobertos de neve. Os combates continuam por vezes durante o período mais forte do inverno, mesmo na frente Ártica. Naturalmente, trata-se, com frequência, de operações de amplitude limitada e a um ritmo mais lento do que no verão. Mas Hitler mostrará, ao fim de 1944, que um ataque maciço, desprovido, é verdade, de cobertura aérea, é possível nas piores condições atmosféricas: a ofensiva das Ardenas poderia ter sido bem sucedida não fosse a resistência desesperada de algumas unidades norte-americanas isoladas.

Esta instabilidade limita a influência do elemento meteorológico aos níveis tático e operativo. Quincy Wright realizou um recenseamento no qual ele destaca que “*a maior parte dos países começou suas guerras na primavera ou no verão*”, o que não surpreende, mas há casos contrários suficientemente numerosos⁹¹ para que a constatação não tenha nenhuma utilidade. Ellsworth Huntington⁹² propôs, no início do século XX, uma interpretação da história em função de ciclos climáticos longos, mas trata-se aí da geopolítica, não da geoestratégia.

⁸⁷ Sir Basil Liddell Hart, *Histoire de la Seconde Guerre mondiale*, Paris, Fayard, 1970, p. 653.

⁸⁸ Jean-Baptiste Margeride, “Peut-on envahir la Russie?”, *Stratégique*, 50, 1991-2.

⁸⁹ Theo Weber, “Le ravitaillement par air des formations encerclées », p. 848.

⁹⁰ Cf. as instruções soviéticas publicadas em Richard N. Armstrong e Joseph G. Welsh (eds), *Winter Warfare. Red Army Orders and Experiences*, Londres-Portland, Frank Cass, 1997.

⁹¹ Quincy Wright, *A Study of War*, Chicago, Chicago University Press, 1942, I, p. 225.

⁹² Ellsworth Huntington, *The Pulse of Asia*, Boston, 1907. *Palestine and its Transformation*, New York, 1911. *Civilization and Climate*, New Haven, 1915. *World Power and Evolution*, New Haven, 1919. O tema ressurgiu com a moda da ecologia: Clive Ponting, *A Green History of the World. The Environment and the Collapse of Great Civilizations*, New York, St Martin's Press, 1991 (que nunca citou Huntington).

Às condições meteorológicas somam-se os fenômenos magnéticos, cujas perturbações são sensíveis nas regiões polares: “*a declinação magnética muda rapidamente, a agulha (magnética, atualmente substituída pela agulha giroscópica, insensível ao campo magnético) é preguiçosa e os erros de navegação são aí frequentes*”⁹³. As transmissões-rádio são frequentemente perturbadas; o sistema de orientação dos mísseis é afetado, em condições que nunca puderam ser determinadas na sua real magnitude.

SEÇÃO II – OS FATORES DINÂMICOS

451. Definição

Por fatores dinâmicos entendem-se os elementos que são sensíveis à ação imediata do homem. Podemos enumerar cinco: os recursos, as vias e infraestruturas de comunicação e as bases, que condicionam sobretudo as possibilidades da ofensiva, à medida que esta tem mais necessidades (no meio terrestre) que a defensiva (mesmo se elas pesam evidentemente sobre esta); os obstáculos políticos e o estado das fortificações e outros meios de defesa, que condicionam, numa larga medida, as possibilidades da defensiva.

SUBSEÇÃO I – FATORES OFENSIVOS

452. Os recursos

A geopolítica dos recursos é com frequência praticada: fala-se de guerra pelo petróleo, pelas matérias-primas, até de guerra da moréia. Em contrapartida, a guerra dos recursos, quer dizer a consideração da sua divisão para a condução da guerra, não tem sido objeto de análises sistemáticas⁹⁴, pela suposição de serem levantadas pela logística. Porém, esta se interessa pelos recursos disponíveis e seu encaminhamento até as frentes. A geoestratégia dos recursos explora os recursos potenciais, não tanto como objetivos, mas por sua contribuição imediata à condução das operações tanto em tempo de paz quanto em tempo de guerra.

O petróleo é a matéria-prima estratégica por excelência (mais do que o carvão, que a maior parte das grandes potências exploram elas mesmas). A Grã-Bretanha é a primeira a estabelecer uma geoestratégia petrolífera, antes de 1914, sob a impulsão da Royal Navy que abandona o carvão para passar ao óleo cru (tomada de controle da Anglo Persian Oil Company, em acordo com a Royal Dutch Shell...). A França a seguir, no período entre-guerras⁹⁵, assim como a Alemanha: desprovida de recursos naturais, esta desenvolve a produção industrial de carburante sintético produzido a partir do carbono, muito caro, difícil de fabricar e que não permite obter um alto índice de octanas. A situação do Japão é ainda mais precária.

Os Estados Unidos dispõem de abundantes recursos domésticos que lhes dispensam de assegurar os aprovisionamentos exteriores. Estes são utilizados apenas como complementos,

⁹³ Claude Huan, *La Marine soviétique en guerre. I Arctique*, Paris, Économica-Mémorial, 1991, p. 10.

⁹⁴ Síntese muito rápida em Ian O. Lesser, *Ressources and Strategy*, Londres, Macmillan, 1989.

⁹⁵ Roberto Nayberg, “La problématique du ravitaillement de la France en carburant dans l’entre-deux-guerres: naissance d’une perspective géostratégique”, *Revue historique des armées*, 1979-4. Sempre útil, Maurice Lévêque, *Le Pétrole et la guerre*, Paris, Nouvelles Editions Debresse, 1957.

na proximidade imediata dos teatros de operações e desde que exista capacidade de refinação. Em 1941, o petróleo da Península Arábica já é um objetivo geopolítico: as companhias petrolíferas dos EUA se instalam na Arábia Saudita, criando uma brecha no monopólio britânico; elas são apoiadas pelo Departamento de Estado. Porém, no momento em que elas tentam transformar isso num objetivo geoestratégico, propondo abastecer a US Navy, esta responde que o petróleo arábico não atende aos seus padrões de qualidade⁹⁶.

Em 1941, o Japão quer assumir o controle do petróleo das Índias holandesas: ele tem absoluta necessidade disso, sendo nula sua produção nacional, para pôr fim à sua dependência das importações norte-americanas (dimensão geopolítica). Mas, uma vez as Índias holandesas conquistadas, o Comando japonês comete o erro geoestratégico maior de não reparar as refinarias sabotadas. De modo que o petróleo extraído no local deve ser transportado ao Japão para ser refinado, depois reenviado para o Sudeste da Ásia: o aprovisionamento de petróleo da região desvia uma parte da tonelagem disponível e se expõe inutilmente aos ataques devastadores dos submarinos dos EUA⁹⁷.

Se a geopolítica dos recursos é voltada para o longo prazo, a geoestratégia deve visar à satisfação das necessidades imediatas. A implementação é muito difícil, pois, no campo interno, as exigências dos militares desorganizam com frequência a máquina econômica (a mobilização acarreta uma crise da mão-de-obra e, então, uma queda mais ou menos durável da produção) e, no campo externo, é preciso contar com as dificuldades de transporte e a crise financeira (inevitável em razão da queda das exportações)⁹⁸. Em 1914, um dos fatores de parada da contraofensiva aliada, após a vitória do Marne, é o esgotamento das munições: todos os estoques foram consumidos e a indústria é incapaz de produzir em quantidades suficientes (somente em 1916 as entregas atingirão um ritmo conveniente). A Alemanha sofre pelo bloqueio, mas também pela crise da agricultura: em 1915, a produção representa apenas dois terços daquela de 1914.

O acréscimo dos territórios conquistados pode ser um paliativo, mas os resultados são muito variáveis, em função da riqueza da região conquistada, do grau de colaboração, da passividade ou da resistência da população, das destruições ocasionadas pelas operações... A Alemanha tirou vantagens consideráveis dos países da Europa durante a Segunda Guerra Mundial⁹⁹. Mas existem também casos onde o rendimento da conquista foi fraco, por vezes mesmo negativo. Na primavera de 1918, a Alemanha estima receber 800.000 toneladas de trigo da Ucrânia: esta fornecerá 13.000. A ocupação foi estendida até a bacia carbonífera de Donetz, mas esta extensão sobrecarrega as ferrovias ucranianas e a Alemanha deve fornecer-lhes 80.000 toneladas de carvão para que elas continuem a funcionar¹⁰⁰!

A lição da Primeira Guerra Mundial não será inteiramente perdida. A mobilização econômica será melhor preparada nos anos 1930, notadamente na Alemanha, onde a *Geopolitik* é completada pela *Wehrwirtschaft*, que prepara a reconversão das usinas civis, a utilização dos produtos sintéticos, a eliminação das atividades improdutivas... Mas são os Estados Unidos que vão mostrar as melhores aptidões nesse campo. Após 1945, eles generalizarão os estoques estratégicos de matérias-primas.

⁹⁶ Aaron David Miller, *Search for Security. Saudi Arabian Oil and American Foreign Policy 1939-1949*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1980, pp. 42-43.

⁹⁷ Jean-Baptiste Margeride, "Deux stratégies pour le Pacifique" dans Hervé Coutau-Bégarie, *La Lutte pour l'empire de la mer*, Paris, ISC-Économica, 1995.

⁹⁸ Cf. Almirante Castex, *Théories stratégiques*, VI, ch. I.

⁹⁹ Cf. Peter Liberman, *Does Conquest Pay? The Exploitation of Occupied Industrial Societies*, Princeton, Princeton University Press, 1996.

¹⁰⁰ Georges-Henri Soutou, *L'Or et le sang. Les buts de guerre économiques de la Première Guerre mondiale*, Paris, Fayard, 1989, p. 688.

453. As vias e infraestruturas de comunicação

O problema das vias de comunicação é tão antigo quanto a própria estratégia. O império persa havia organizado uma rede de estradas permitindo a intervenção rápida do exército sobre seus mercados de interesse. O exército imperial romano compensava a fraqueza relativa de seus efetivos (30 legiões de 6.000 homens) por sua mobilidade, tornada possível por estradas excelentemente mantidas¹⁰¹.

Mas a mecanização deu uma importância crescente ao estado das vias de comunicação. Um exército moderno necessita de infraestruturas que devem avançar ao mesmo tempo que ele. A ferrovia introduziu uma alteração decisiva na arte da guerra, definindo novas linhas de operações, designando o local das fortificações encarregadas de lhes barrar ou lhes proteger¹⁰². A França foi a primeira a organizar um transporte ferroviário de massa, durante a campanha da Itália de 1859: em 3 meses, 600.000 toneladas e 130.000 homens foram assim transportados. “*Para uma primeira experiência, esta concentração rápida por via férrea foi um sucesso, cuja importância estratégica passa com frequência em silêncio*”¹⁰³. A Guerra da Secessão vê o aparecimento dos trens sanitários, dos trens blindados e da artilharia sobre a via férrea. Uma das operações decisivas do exército alemão, a partir dos anos 1850, foi o controle dos transportes ferroviários, que lhe permitiu alinhar rapidamente seus efetivos contra a França em 1870; no sentido inverso, o Plano Schlieffen foi marcado por um vício congênito: a insuficiência das linhas ferroviárias belgas impedia reforçar a ala direita do dispositivo na medida desejada por Schlieffen. O mesmo fenômeno pôde ser verificado durante a guerra russo-japonesa, em 1904-1905: a transiberiana, que acabara de ser prontificada, permite o transporte de reforços e munições, mas seu fraco débito (via única) limita fortemente as capacidades russas. Nós franceses sabemos o papel da “Via sagrada” e da ferrovia à via única (a “Meusien”) na batalha de Verdun.

A partir do período entreguerras, a **estrada** vem concorrer, mais amplamente suplantando, a ferrovia. A excelente malha rodoviária, densa e bem mantida, da Europa ocidental, e especialmente da França, favoreceu a ofensiva alemã em 1940, da mesma forma que contribuiu, quatro anos mais tarde, para a liberação da França. Os Estados Unidos construíram numerosas estradas estratégicas, às vezes por centenas de quilômetros: em face da ameaça de invasão japonesa, a penetrante Alaska-Canadá (ALCAN), em estudo desde 1919, foi construída em menos de seis meses, de junho a novembro de 1942: sobre 3.000 km, a ferrovia foi acrescida de uma estrada e de uma cadeia de aeródromos e de pistas de aterrissagem.

Este fator, capital para a rapidez do movimento, fez falta na África e na Rússia. No deserto, entre Trípoli e Alexandria, além da via costeira, não havia mais do que trechos de pista e zonas muito extensas acessíveis apenas aos veículos com esteiras ou com oito rodas; o incômodo era bem maior pelo fato de que o controle britânico do mar interditava a utilização dos portos conquistados durante o avanço do Afrika Korps, Tobruk ou Mersa Matruh: os carregamentos desembarcados em Trípoli ou no front¹⁰⁴. Na Rússia, as vias férreas não tinham a bitola padrão; a maior parte das estradas não era mais do que pistas que se transformavam, em período seco, em fina poeira que desregulava os motores (falta de filtros especiais) e, em período úmido, em lama onde tudo se grudava¹⁰⁵. O problema foi particularmente sensível no

¹⁰¹ Edward Luttwak, *La Grande stratégie de l'empire romain*.

¹⁰² Cf. “Armées et chemin de fer en France 1830-1918”, *Revue d'histoire des chemins de fer*, 15, 1996 e John Westwood, *Railways at War*, Londres, Osprey, 1980.

¹⁰³ Raymond Bourgerie, *Magenta et Solferino 1859*, Paris, Économica, Campagnes et stratégies, 1993, p. 44.

¹⁰⁴ Rommel se lamenta disso em seus escritos. *La Guerre sans haine*, p. 226.

¹⁰⁵ Jean-Baptiste Margeride, “Peut-on envahir la Russie?”, pp. 115-116.

Grande Norte Ártico. Os alemães, em 1941, queriam se apoderar de Murmansk, mas atacaram em três pontos afastados repartidos sobre 300 km porque os finlandeses lhes haviam dito para não concentrar mais do que duas divisões, por questões logísticas¹⁰⁶. Esta dispersão acarreta o fracasso da ofensiva, apesar de que a logística alemã, muito superior à finlandesa, teria permitido a concentração de forças superiores, mesmo considerando o estado rudimentar das estradas.

As estradas não são somente indispensáveis aos exércitos modernos. Elas são igualmente úteis aos guerrilheiros, desde que estes estejam acima do nível de simples revoltosos locais. A ofensiva dos comunistas vietnamitas contra o Vietnã do Sul despendeu toneladas de reabastecimento encaminhados cada semana pela Trilha Ho Chi Min, gigantesca rede de 16.000 km de norte a sul, com ligações dissimuladas sobre coberturas impenetráveis ou subterrâneas. Apesar dos bombardeios contínuos, os Estados Unidos não conseguiram jamais interromper continuamente o tráfego.

Estas vias de comunicação não são somente terrestres. As infraestruturas marítimas e aéreas têm igualmente uma grande importância. Em junho de 1940, o estrangulamento dos portos foi um elemento suplementar contra a transferência de tropas na África do Norte. Em 1944, a ocupação de Anvers salvou a logística aliada que enfrentava as piores dificuldades, em virtude da resistência das frentes do Atlântico e da lentidão da recuperação dos grandes portos completamente destruídos. A posse de aeródromos é um elemento importante por ocasião das operações aéreas ou aerotransportadas de grande amplitude. Somente a tomada pelos paraquedistas alemães do aeródromo de Maleme evitou que a invasão pela via aérea de Creta se transformasse em desastre¹⁰⁷.

Apesar de sua característica “pesada”, as infraestruturas de comunicação contemporâneas continuam a dar importância aos fatores dinâmicos: longas e custosas a realizar, elas são mais fáceis de ser duravelmente inutilizadas: a destruição de uma ponte ou de um túnel é suficiente para paralisar, por semanas ou meses, uma estrada ou uma via férrea¹⁰⁸, o afundamento de navios ou a dinamitação dos cais, para obstruir um porto. Em sentido inverso, os exércitos modernos dispõem de meios de engenharia, permitindo a colocação de infraestruturas provisórias: aeródromos com pistas em placas metálicas, pontes de barcos, até portos artificiais, como em Arromanches.

454. As bases

A dilatação das distâncias e a complexidade crescente dos exércitos modernos, que necessitam uma logística muito aperfeiçoada, somam-se para dar uma importância decisiva às bases, que podemos definir sumariamente como áreas organizadas e protegidas permitindo abrigar, comandar, reabastecer, preparar e recuperar forças ou meios militares de qualquer natureza¹⁰⁹. Esta definição geral engloba múltiplas categorias:

¹⁰⁶ Claude Huan, *La Marine soviétique en guerre. I Arctique*, p. 17.

¹⁰⁷ Ian Clark, *La Chute de la Crète*, Paris, Laffont, 1966.

¹⁰⁸ A Transiberiana é particularmente vulnerável, com suas numerosas pontes e túneis e sua proximidade da fronteira chinesa. A Baikal-Amour-Magistral (BAM) é situada mais ao norte, mas seu traçado é absolutamente difícil.

¹⁰⁹ Definição inspirada naquelas relacionadas pelo CMG Lepotier, “Rôle stratégique des bases”, *Revue de Défense nationale*, dezembro de 1951, pp. 496-498.

- segundo a importância, falaremos de bases principais e de bases secundárias, essas últimas não sendo mais do que pontos de apoio sumariamente organizados;
- segundo a implantação, falaremos de bases de partida, de bases de ligação e de bases avançadas, estas sendo instaladas em função das necessidades, de acordo com o desenvolvimento das operações;
- segundo a destinação, falaremos de bases terrestres, navais ou aéreas...

A geoestratégia é em princípio uma luta pelas bases, tanto em tempo de paz quanto em guerra. Em tempo de paz, a estratégia demanda à diplomacia a garantia do acesso a bases exteriores¹¹⁰, seja por concessão imediata e permanente, solução mais segura sob todos os pontos de vista e que permite uma preparação de longa duração, seja por garantia de colocação à disposição de “facilidades” em caso de necessidade (tratado anglo-egípcio de 1936; acordos dos Estados Unidos com Portugal a respeito dos Açores, com a Islândia de 1946 a 1951), solução que pode ser preferível por razões econômicas ou diplomáticas, mas que acarreta sérias restrições operacionais: em 5 de maio de 1951, um novo acordo com a Islândia substituiu aquele, pondo à disposição a possibilidade de uma eventual presença permanente. Um meio termo, que tende a se disseminar, é o **preposicionamento** de material sem estacionamento de tropas, solução adotada pela Noruega que não queria provocar a União Soviética¹¹¹ e utilizada em grande escala pelos Estados Unidos no Oriente-Médio. Uma outra solução pode ser a adaptação das bases de um país a normas padrão: a OTAN realizou nesse sentido um amplo programa de renovação das infraestruturas na Europa, chamado *Collocated Operating Bases*.

O custo diplomático e econômico (as contrapartidas exigidas pelos países hospedeiros não cessam de crescer) das bases tornou-se muito elevado, o que conduziu as grandes potências a reduzir sua presença militar em ultramar. Este movimento iniciou-se bem antes da onda atual de desarmamento, os fechamentos se contam às centenas, senão aos milhares, e o foco é posto, a partir de então, sobre **forças de deslocamento rápido, aeromobilidade, reabastecimento no mar**... Mas a importância das bases restantes, longe de diminuir, ao contrário, cresceu, pois esta redução tem sido frequentemente uma concentração, estando os meios reagrupados em complexos maiores (a manutenção de certas implantações metropolitanas decorre mais da organização do território do que das necessidades das forças). Por outro lado, é preciso manter numerosas instalações anexas sem as quais uma força armada moderna não pode funcionar: depósitos de munição e de combustível, estações de alerta ou de transmissão que os satélites não substituíram. Enfim, se atualmente é possível fazer intervenções a grandes distâncias, estas acarretam retardos, custos, problemas para o pessoal, tão pesados que a disposição de ligações no local é sempre necessária desde que a operação ultrapasse o nível de simples operação policial: nos anos 1970, os Estados Unidos da América tinham desenvolvido o ponto de apoio de Diego Garcia no centro do oceano Índico; logo após o ataque a Kabul, eles decidiram intervir mais ativamente no Oriente-Médio e então perceberam que a ilha estava muito longe do teatro de operações. Eles buscaram freneticamente conexões locais, concluindo toda uma série de acordos com os países da área¹¹².

Em tempo de guerra, a estratégia só pode contar consigo mesma para obter bases onde ela necessitar; desde que as operações se afastam de sua base de partida, são necessárias

¹¹⁰ Estudo de conjunto em Robert E. Harkavy, *Bases Abroad. The Global Foreign Military Presence*, Oxford, Oxford University Press, 1989.

¹¹¹ Hervé Coutau-Bégarie, “Le flanc Nord de l’Europe”, *Défense nationale*, janeiro de 1989, p. 39.

¹¹² Hervé Coutau-Bégarie, *Géostratégie de l’océan Indien*, pp. 127-128 et 190-191.

conexões. Aquilo que chamamos impropriamente de bases móveis, de fato unidades de apoio, não se constitui mais do que um expediente, adaptado à fase de movimento, mas insuficiente no momento em que é preciso sustentar uma frente de maneira prolongada. A solução mais simples consiste em recuperar as instalações oferecidas pelo teatro, se elas são reparáveis. Por vezes, é preciso construir todos os compartimentos. Durante a Segunda Guerra mundial, os alemães dispunham de um instrumento bastante eficaz, com a organização Todt, mas eles foram superados pelos Estados Unidos que aplicaram à logística os princípios da organização industrial: inferiores nos planos estratégico e tático, eles superaram amplamente os adversários neste domínio. Sua mais brilhante demonstração foi a do Pacífico, onde a imensidão das distâncias se combinava com a ausência de instalações preexistentes. O relatório do Almirante King, Comandante de Operações Navais, afirma que “*a guerra do Pacífico foi uma batalha pelas bases*”¹¹³.

SUBSEÇÃO II- FATORES DEFENSIVOS

455. Obstáculos políticos: os neutros e os terceiros

Os obstáculos estudados pela geografia militar e a geoestratégia são, em princípio, obstáculos naturais, que se distinguem por sua permanência e que o analista pode facilmente marcar a décadas ou séculos de distância. Mas os obstáculos políticos são, no momento, no mínimo, também temíveis. Eles podem ser ultrapassados, mas ao preço de complicações diplomáticas que tornam a operação não rentável. O exemplo típico é o da violação da neutralidade belga pela Alemanha em 1914: sobre um plano militar, era a única solução para contornar o dispositivo francês e aguardar uma decisão rápida; mas, no plano político, o preço a pagar era a guerra com a Grã-Bretanha.

O problema dos neutros reveste-se, após a Segunda Guerra mundial, de uma dimensão nova, com a alteração do direito internacional. Os Estados podem apoiar abertamente os movimentos de guerrilha ou de guerra revolucionária, sem nenhuma consideração pelas leis da neutralidade. Quando eles são vizinhos imediatos, eles oferecem um santuário ao abrigo do qual o movimento pode reconstituir suas forças. Foi assim que procedeu a FLN argelina a partir da Tunísia, o Vietmihn, a partir da China. A potência adversa não pode violar este santuário sem se expor a um protesto geral. Os Estados Unidos não ousaram enfrentar a China durante a guerra da Coreia, e a França pôde medir a amplitude do protesto internacional após o bombardeio de Sakiet, na Tunísia. A geoestratégia deve levar em consideração a existência de tais Estados na proximidade dos redutos de instabilidade, pois a experiência sugere que os movimentos sem base na retaguarda têm pouca chance de durar, como demonstraram os fracassos das guerrilhas comunistas nas Filipinas e na Malásia.

456. Obstáculos militares: as fortificações

Desde a mais remota Antiguidade, o homem cuidou de reforçar o terreno pelas proteções artificiais, primeira manifestação da **função “proteção”** do grupo. A cidade de Jericó, no sexto milênio, do calendário judaico 1315 a.C. ou 1210 a.C. estava já cercada por uma muralha. A fortificação, muito cedo, deu origem a dois conhecimentos técnicos, a **castrametação**, arte dos acampamentos, e a **poliorcética**, arte dos bloqueios.

¹¹³ Citado pelo CMG Lepotier, “Rôle stratégique des bases”, p. 499.

Se as vias de comunicação são permanentes, já inscritas no terreno em tempos de paz, as fortificações e os meios de defesa podem ser preparados tanto em tempos de paz, como improvisados em caso de conflito.

457. Fortificações permanentes

As fortificações permanentes, em realidade, são concebidas e realizadas em tempo de paz em torno de pontos estratégicos, fortes e praças fortes, ou de linhas estratégicas. Estas últimas podem ser:

- **contínuas.** O modelo “perfeito” é o da muralha, que não oferece nenhuma passagem. O caso mais conhecido é o da grande Muralha da China. As primeiras muralhas em terra são construídas sob os Reinos Combatentes nos séculos V e VI aC. A Grande Muralha é construída no século III aC. pelo primeiro imperador Qin, que restaura e conecta entre si as muralhas precedentes. A Grande Muralha em pedra é construída, muito mais tarde, sob os Ming (século XIV) que perseguiram os invasores mongóis, e mais ao sul. O muro tem 6 a 7 metros de largura, 8 metros de altura, sendo provido de torres de vigilância; ele se estende por mais de 4 000 km. A partir do século XVII, ele é completado com uma segunda linha à leste, nomeada a paliçada da Manchúria.

Após as guerras Médicas, Atenas construiu os Longos Muros, ligando-a ao porto de Pireu, a cerca de 40 km. Toda a população de Ática pôde assim se abrigar sob esse imenso perímetro protegido que resistirá a todos os assaltos durante a guerra do Peloponeso; os espartanos vencedores exigirão sua demolição. Outras cidades gregas, notadamente Corinto, se dotam de muros sob o modelo ateniense.

Os romanos recorrem com frequência à fortificação contínua. Eles constroem na (Grande) Bretanha dois muros destinados a protegê-los dos ataques dos guerreiros caledônios: o muro de Hadrien e o muro de Antonin. O primeiro é em pedra, ladeado por um fosso, guarnecido de torretas e fortins e duplicado por um muro de terra. Ele corre por 117 km. O muro de Antonin, situado mais ao norte, atravessa a ilha na sua parte mais estreita, por sobre 59 km. É, de fato, uma muralha de terra, duplicada por um fosso, destinado a marcar o limite do talude protetor da província¹¹⁴. Linhas contínuas existem também na Alemanha superior e na Rétia, através dos montes e florestas do Taunus e do Jura da Suábia, tomando por vezes inclinações impressionantes, assim como na Argélia, onde a Séguia Bent el Krass opõe às incursões dos nômades do deserto um fosso e uma barreira de areia. Em contrapartida, os romanos quase não constroem tais linhas no Oriente, onde os obstáculos naturais (cadeias do Taurus e do Cáucaso, Tigre e Eufrates) as substituem¹¹⁵.

Estas linhas são muito caras e demoram a ser construídas. Sobretudo, elas carecem de profundidade, são eficazes apenas contra adversários primitivos, que não dispõem de meios de transposição. A Grande Muralha barrou os ataques de pilhagem, não impediu as invasões. No século XVIII, Qi Jijiang prefere uma defesa móvel, apoiada em fortes, dispostos e escalonados em profundidade.

Na época moderna, a fortificação vertical cede a vez à fortificação horizontal, após o aparecimento da artilharia, as altas muralhas sendo substituídas por cinturões de proteção. Vauban e o holandês Coehoorn realizam a transição no século XVII, Montalembert aperfeiçoa

¹¹⁴ Cf François Sagot, *La Bretagne romaine*, Paris, Fontemoing, 1911, pp. 144-174.

¹¹⁵ Joëlle Napoli, *Recherches sur les fortifications linéaires romaines*, Roma-Paris, École française de Rome-de Boccard, 1997.

o sistema de Vauban no século XVIII. No século XIX, com o general belga Brialmont e o general alemão Von Sauer, a fortificação concentrada cede lugar à fortificação dispersa, em resposta aos progressos da artilharia. A Romênia adota esse sistema em 1887, com a linha de Sereth, constituída de cúpulas encouraçadas isoladas. A Alemanha adota um compromisso com os *Feste*, grandes fortes com elementos dispersos¹¹⁶.

Após a Primeira Guerra mundial, a dispersão se impõe: “a proteção contra a artilharia inimiga não é dada pela resistência das organizações, mas por sua dispersão em largura e profundidade”¹¹⁷. Dois modelos se enfrentam, com uma sucessão mais ou menos densa de obras pequenas e médias (a linha Mareth na Tunísia, o *West Wall* (linha Siegfried), o *Atlantik Wall* e o *Sud Wall*) ou de grandes obras ligadas entre si por obstáculos leves (a linha Maginot e a frente fortificada Oder-Warta que cobre Varsóvia).

• **descontínuas**, segundo duas modalidades que respondem a lógicas diferentes.

Na primeira, grandes obras constituem molhes de resistência e canalizam os ataques através dos desfiladeiros¹¹⁸: o “pré-quadrado” de Vauban, as duas linhas Séré de Rivières: de 1874 a 1885, a França construiu, para proteger sua nova fronteira do nordeste, duas cortinas defensivas Belfort-Épinal e Toul-Verdun que se apoiam sobre colinas de bosques. Cada cortina é feita de dois acampamentos entrincheirados, compostos de seis fortes no mínimo e cada um bloqueando um nó ferroviário. Entre os dois acampamentos entrincheirados, fortes isolados, ditos de ligação, controlam as estradas mais importantes. Avançados, fortes de parada situados próximos da fronteira são destinados a travar combates retardadores. O assaltante deve, então, submeter esses locais, ou tomar itinerários menos bem servidos de vias de comunicação. As cortinas defensivas devem então dar à mobilização o retardo necessário. Uma segunda linha, apoiada sobre as falésias da Champagne e as localidades de Dijon, Reims, Laon, La Fère, é destinada a acolher o exército de campanha em retirada¹¹⁹, mas ela permanecerá inacabada. Além disso, as cortinas defensivas previstas no norte, em torno de Dunquerque e entre Scarpa e Sambre, não serão concretizadas.

A segunda modalidade é a da fronteira organizada, mais do que verdadeiramente fortificada e cujo modelo é o *limes* (fronteira fortificada) dos romanos, rede de estradas, de fortins e de obstáculos: as estradas melhoram a mobilidade das forças de defesa, os fortins asseguram sua segurança, os obstáculos exercem uma ação retardadora eficaz contra uma incursão de fraca amplitude. O esquema foi retomado pelos Muçulmanos na Espanha, com os *husun*, espécie de *limes* marcado de fortalezas¹²⁰, depois pelo Império Austro-Húngaro no século XVI com os limites militares que constituíam uma zona-tampão com o Império Otomano: um cordão de torres de guarda (os *tchardques*) ao longo dos rios Save, Tisza e Mures previnem as unidades de intervenção baseadas na retaguarda¹²¹. Mais recentemente, os marroquinos construíram no Saara ocidental muros de areia vigiados por dispositivos eletrônicos; o perímetro foi progressivamente aumentado na medida do enfraquecimento dos ataques do Polisário. O sexto (e último) muro se estende por 550 km.

¹¹⁶ Tenente-Coronel Montigny, “Le système fortifié allemand de 1871 a 1918 », *Revue militaire générale*, fevereiro de 1937.

¹¹⁷ Regulamento alemão, citado por Camille Rougeron, *La Prochaine guerre*, Paris, Berger-Levrault, 1948, p. 183.

¹¹⁸ O desfiladeiro de Chimay permite descer o vale do Oise, o desfiladeiro de Stenay, o vale do Aisne, o desfiladeiro de Charmes, o vale do Marne, o de Belfort desemboca sobre os vales do Sena, do Yonne e do Saône.

¹¹⁹ Apresentação sintética em Jean Doise, “Les Rideaux défensifs dans l’oeuvre de Séré de Rivières”.

¹²⁰ Philippe Sénac, “Contribution à l’étude de la Marche supérieure d’al-Andalus: les husun et le système défensif de Huesca”, em Xavier Barral i Altet et al., *La Catalogne et la France méridionale autour de l’An Mil*, Barcelona, Generalitat de Catalunya, 1991.

¹²¹ Jean Nouzille, *Histoire de frontières. L’Autriche et l’empire ottoman*, Paris, 1991.

Enquanto a linha contínua sugere uma defesa estática, as linhas descontínuas são, em teoria, instrumentos de manobra: elas oferecem uma proteção destinada a garantir a segurança e a economia das forças, liberando o corpo de batalha da tarefa de cobertura. É dentro deste espírito que é concebida, na origem, a linha Maginot. Mas, na realidade as coisas não se passam dessa maneira: os retardos e os problemas financeiros impedem com frequência de se dar ao dispositivo a profundidade prevista, não existindo mais do que uma única linha; o comando renuncia a toda idéia de manobra para se manter numa defesa estática. Desvio que observamos constantemente através da história: **a fortificação fornece um sentimento de segurança e aniquila a vontade de manobra**. Mas, aspecto menos conhecido, a presença de uma rede fortificada exerce também, às vezes, **um efeito dissuasivo sobre o atacante**: convencido de que não é possível atacar a frente de fortificações de Séré de Rivières, o grande estado-maior alemão escolheu contorná-la pela Bélgica, com as consequências diplomáticas (entrada na guerra da Grã-Bretanha) e, finalmente, militares que conhecemos.

458. Fortificações de campanha

As fortificações de campanha são realizadas a toque de caixa durante as hostilidades. Elas não são estáticas, seguem as forças em movimento ou o inimigo. O exército romano possuía um controle inigualável das fortificações, pois os campos de marcha eram construídos a cada noite: *“mesmo modestos aterramentos (e os pilares pontudos os coroando) eram suficientes para quebrar o impulso de uma carga de cavalaria”*¹²².

Num primeiro momento, trata-se, no mais das vezes, de arranjos sumários de coberturas naturais do terreno para o tiro ou da criação de abrigos individuais. Em caso de frente contínua, esses se transformam em trincheiras que se aperfeiçoam progressivamente: traçados em pinça, cremalheira, redentes, muralhas fortificadas¹²³, disposições interiores (treliças, pequenas passagens para comunicação) e exteriores (cestos com terra para proteção, arames farpados, dispositivos de transposição). Antes da aparição da artilharia, pode-se também criar um front defensivo com uma paliçada de estacas pontiagudas, que protegem os soldados: os ingleses sofrem as ações dos “pinchons” escoceses em Bannockburn (1314), eles os voltam contra os franceses, com o mesmo sucesso, de Crécy (1346) à Rouvray (1424), até que a aparição da artilharia condena o processo (em Lagny, em 1430 Joana D’Arc demoliu os “pinchons” com os seus canhões). Os soldados do exército otomano usaram um sistema mais elaborado, com linhas sucessivas de estacas e de defesas plantadas na terra contra as quais serão aniquiladas as cargas dos Cruzados em Nicópolis (1396) e Varna (1444)¹²⁴. Na Europa oriental, os Hussitas utilizam carroças para proteger seus flancos e servir de ponto de apoio quando do contra-ataque¹²⁵. Os Boers redescobrirão o processo no século XIX, em suas batalhas contra os Zulus (notadamente a de Blood River, 1838).

O estágio superior é constituído pelas linhas organizadas em avanço, à base de obras leves e de obstáculos: fossos, obstruções, inundações; a guerra de Secessão acrescenta as redes de arame, a Primeira Guerra mundial o obstáculo ativo e camuflado que é a mina. Para as duas guerras mundiais, podemos citar:

- a linha Hindenburg durante a retirada alemã de 1917;
- as linhas de Viazma e de Mojaïsk durante a batalha de Moscou em 1941;

¹²² Edward Luttwak, *La Grande stratégie de l'empire romain*, p. 54.

¹²³ Tipologia fixada pela Instrução provisória sobre a organização do terreno de 21 de janeiro de 1926.

¹²⁴ Emmanuel Antioche, “Les expéditions de Nicopolis (1396) et de Varna (1444): une comparaison”, *Mediaevalia Transilvanica*, 2000-1/2.

- o dispositivo do saliente de Kursk em 1943. Suas defesas foram as mais formidáveis posicionadas sobre a frente do leste. Centenas de milhares de civis aí trabalharam a partir de abril de 1943. O dispositivo se estendia em profundidade por 175 km com seis linhas sucessivas, por trás das quais se encontrava uma última posição apoiando-se sobre o Don. O elemento de base era um tabuleiro de molhes anticarro e de campos de minas muito densos (1.600 minas anticarro e 1700 minas antipessoal por km). Esse dispositivo anticarro permitiu amortecer o choque da formidável ofensiva lançada pelos alemães em 5 de julho de 1943;
- as linhas sucessivas organizadas pelo marechal Kesselring durante a campanha da Itália: a linha Gustav, com o formidável ponto do Monte Cassino; a linha Dora (ou Hitler), depois a linha César, que cobriam Roma; a linha Gótica que barrava o norte da Itália; e, enfim, a linha Venesiana, que não teve tempo de servir.

Certas linhas, construídas na maior precipitação, quase não tiveram consistência e sucumbiram ao primeiro assalto: a linha Stalin, começada pelos soviéticos no início de 1941 e, dois anos mais tarde, o “muro do leste” que os alemães tentaram instalar sobre o Dniepr. Desde que não seja possível instalar tais linhas, por falta de tempo, contenta-se com barreiras, como os centros de resistência (hérissons) improvisados pelo general Weygand na região do rio Somme em junho de 1940 ou aqueles construídos pelos alemães após a batalha de Moscou, durante o inverno de 1941-1942.

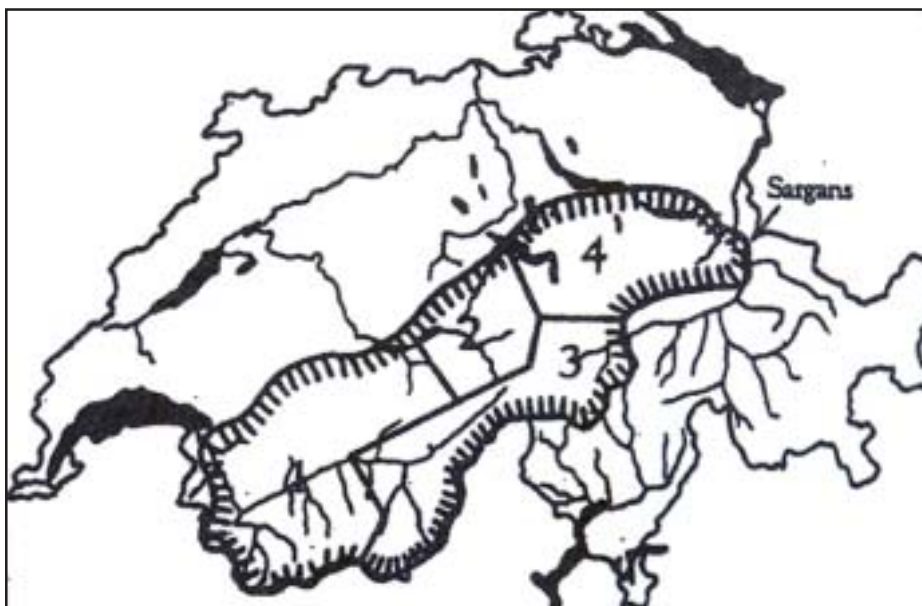
A melhor fortificação é aquela que se alia a uma utilização judiciosa do terreno. As linhas Torres-Vedras, preparadas em 1809-1810 por ordem de Wellington, para cobrir Lisboa, são um modelo. O dispositivo segue o curso do Tejo e do Arruda e se apóia sobre “*uma linha de cristas que apresentam uma vertente abrupta na direção do norte. As escarpas destas cristas foram avivadas artificialmente e as raras brechas que as penetram são cuidadosamente barricadas. As barragens criaram, por inundação, largos planos d’água nos vales do Arruda e do Zizambre*”. 150 obras, dotadas de 700 peças de artilharia, marcam a primeira linha, que é reforçada por duas outras. Os flancos são cobertos pela frota britânica. O exército do Marechal Massena se chocará contra um muro¹²⁶. Os finlandeses são considerados mestres nesta arte. Durante suas guerras contra os soviéticos, eles têm sabedoria para tirar proveito de um relevo muito favorável à defensiva (cobertura densa de florestas e de lagos) organizando linhas de defesa: a linha Mannerheim, depois as linhas VT e VKT, na Carélia, e a linha U, na Carélia oriental, que se revelaram eficazes, apesar de inacabadas.

Mas a escolha da melhor posição é frequentemente contrariada por uma concepção errônea da honra militar ou pela intervenção do poder político que se opõem ao abandono de uma porção de território. Raros são os casos onde se prevê, desde os tempos de paz, o abandono das regiões expostas e a organização da defesa num “reduto central” como aquele concebido pelos suecos no século XIX. Em 1940, o general Guisan, Comandante do exército suíço, só decide o abandono das posições próximas da fronteira e a retirada para as montanhas (o “reduto nacional”) após muitas hesitações, e ele deve enfrentar a oposição selvagem de vários comandantes de corpos que invocam a honra, o moral da tropa e o fato de que “*defender geleiras e maciços não tem nenhum sentido*”¹²⁷. Em 1941, o governo grego, invocando o efeito moral, se recusa a evacuar a linha Metaxas, que cobre a Trácia, para recuar sobre a linha de

¹²⁵ Emmanuel Antoeche, *L'Art militaire hussite*, Paris, ISC-CFHM-Économica, Hautes Études militaires, 2006.

¹²⁶ Almirante Castex, *Théories stratégiques*, VI, pp. 324325.

¹²⁷ Willi Gautschi, *Le général Guisan. Le Commandement de l'armée suisse pendant la Seconde Guerre mondiale*, Lausanne, Payot, 1991, p. 300.



Vista geral do dispositivo no Reduto desde 24 de maio de 1941: quatro Exércitos cobrindo juntos as nove divisões, as três brigadas de montanha e a fortaleza de Sargans (esta última passará do 4º ao 3º Exército em 1944). (Segundo um esboço de D. Borel.)

Haliakmon, que se apoia sobre o rio deste nome e uma cadeia de montanhas (os montes Vermion e Pieria) atravessada por somente três desfiladeiros, mesmo que reconhecesse a necessidade operacional de tal retração!¹²⁸

A OTAN oferece um bom exemplo desse constrangimento político. No início dos anos 1950, a superioridade numérica do “rolo compressor” russo é tal que a defesa é recuada até o Reno, a Alemanha tornando-se nada mais do que o teatro de um combate retardador. No momento em que a organização militar da aliança se aperfeiçoa, a defesa se transfere para adiante, não abandonando ao pacto de Varsóvia mais do que um terço do território alemão. É ainda muito para o governo de Bonn, que não cessará de reclamar o avanço do dispositivo aliado: nos anos 1970, este seguirá exatamente o traçado da fronteira, se privando assim de todo espaço de manobra. No início dos anos 1980, a OTAN tentará retomar a mobilidade perdida, adotando uma estratégia de ataque em profundidade do dispositivo adverso, com as doutrinas Airland Battle e “Follow-On Forces Attack” (FOFA).

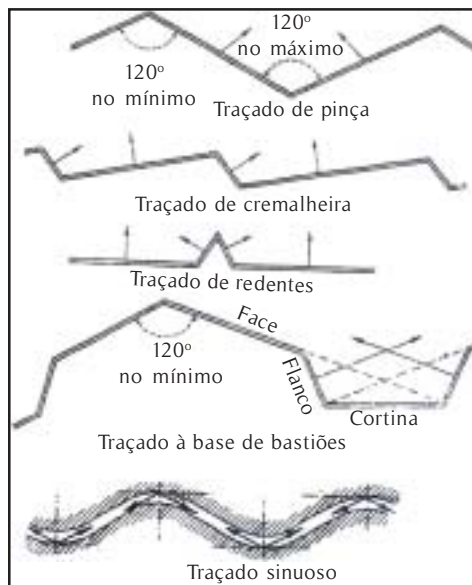
459. O processo da fortificação

A fortificação é submetida a um processo permanente. “*Platão seguia a opinião de Licurgo, que não queria outras muralhas em Esparta além do peito dos seus defensores: a fortificação, se nela se acreditasse, só poderia tornar os homens relaxados e preguiçosos. Mas Aristóteles, como ele admitia com frequência, era de opinião contrária*”¹²⁹. Na época

¹²⁸ Yannis Mourellos, “La Grèce et la stratégie des grandes puissances dans les Balkans 1939-1941”, em *Géopolitique et conflits au XX^e siècle*, Ata do XXVII^o Congresso internacional de história militar, Atenas, 2002.

¹²⁹ Camille Rougeron, *La Prochaine guerre*, p. 176. Boa exposição do debate em Yvon Garlan, *Guerre et économie en Grèce ancienne*, pp. 138-139.

moderna, o marechal de Saxe estimava que as fortificações não valiam nada, mas Napoleão pensava que não se podia passar sem elas. “*As praças fortes são úteis para a guerra defensiva como para a ofensiva. Sem dúvida, elas não podem por si só ocupar o lugar de um exército: mas são o único meio que se tem para retardar, entravar, enfraquecer, inquietar um inimigo vencedor*”¹³⁰. A fortificação é cara (é incontestável) e muitas vezes inútil, em caso de ser contornada (a linha Maginot em 1940), ou conquistada (os fortes de Liège destruídos pela Grosse Bertha – morteiro de 420 mm - em 1914; o forte de Eben-Emael, considerado o mais moderno do mundo, tomado por um punhado de paraquedistas em 1940). As batalhas apoiadas por fortificações seriam com maior frequência perdidas do que ganhas¹³¹.



Mas nós dispomos também de grandes exemplos contrários de praças fortes que resistiram a longos sítios, fixando forças consideráveis: temos mesmo sítios, nos anais chineses, que duraram vinte anos!¹³² Mais perto de nós, locais como Hamburgo, em 1813-1814, ou Dantzig, em 1806-1807 e em 1813-1814, resistiram durante meses, como fez Sebastopol em 1914-1942¹³³. Nenhuma das grandes obras da linha Maginot foi retirada pelos alemães. Poderíamos também citar Leningrado, célebre por seu sítio de 900 dias, mas o caso é ambíguo: os alemães perdem sua oportunidade em 1941, deixando de lançar um assalto imediato e, em seguida, eles não disporão jamais de efetivos necessários a um ataque. Acrescentemos que os finlandeses, ao norte, estavam completamente passivos e que o reabastecimento passava pelo lago Ladoga.

Simplesmente, não é preciso dar à fortificação um valor absoluto. Como disse Edward Luttwak, “*os sistemas defensivos deveriam ser avaliados em termos relativos: seria necessário comparar os meios utilizados com o “rendimento” militar. Além disso, o valor dos sistemas*

¹³⁰ *Commentaires de Napoléon 1^{er}*, tomo VI, *Notes sur l'art de la guerre*, Paris, Imprimerie impériale, 1867, p. 181.

¹³¹ É o que sugere o estudo de intensa pesquisa do coronel Vauvilliers sobre as campanhas da Revolução e do Império. Os mestres dos entrincheiramentos teriam perdido 1.019 combates e 120 batalhas, e não teriam ganho mais do que 265 combates e 24 batalhas. No período de 1495-1789, 91 batalhas teriam sido perdidas pelos mestres das fortificações, para 29 ganhas. L.H.C. Vauvilliers, *Essais sur de nouvelles considérations militaires*, Paris, Gaultier-Laguionie, 1843. O aparente rigor estatístico dissimula as avaliações muito impressionistas.

¹³² Diaoyucheng, sitiada pelos mongóis em 1258, só tombará em 1279! Jacques Dars, *La Marine chinoise*, p. 313.

¹³³ Cujas obras, notadamente o forte Maxime Gorki, foram destruídas pelo canhão Dora de 800 mm e os morteiros Thor e Karl de 600 mm.

*defensivos deve ser considerado em função do tipo de ameaça que eles são encarregados de enfrentar. Um sistema pode ser mais eficaz contra ameaças de “fraca intensidade” (infiltrações, ataques...), um outro contra uma muito grave ameaça de invasão. Cada um deverá ser avaliado segundo as circunstâncias”*¹³⁴. Nenhuma defesa é impenetrável, mas isso não condena o princípio de uma defesa fortificada. A defesa em cordão, rejeitada por todos os grandes estrategistas devido à dispersão que ela acarreta, pode ser justificada “quando a defesa apresenta fraquezas que não são possíveis de superar” (caso das forças não dispoendo de cavalaria, incapazes de manobrar tão rapidamente quanto o assaltante)¹³⁵.

A única regra é que uma praça-forte vale apenas pelo uso que dela fazemos: a cidade de Schweidnitz, na Silésia, foi sitiada duas vezes em dois anos durante a guerra de Sete Anos: os austríacos dela se apossaram em dois dias, enquanto que, no ano seguinte, foram precisos 63 dias para Frederico II retomá-la, em face da defesa de Gribeauval. Se o forte de Douaumont foi tomado por um ataque audacioso do tenente von Brandis em 25 de fevereiro de 1916, isso ocorreu menos por um erro de concepção da região fortificada de Verdun do que pelo fato de que ela estava praticamente desprovida de guarnição, em consequência de um desvario do comando; o forte de Vaux resistiu durante vários dias, sob um bombardeio tão intenso que tornou o teto côncavo, e só foi vencido pela falta de água. Muitos locais sucumbem ao bloqueio antes que ao assalto. Massena rendeu Gênas ao fim de 60 dias, em 1800, porque todos os aprovisionamentos estavam esgotados. A guarnição estava tão enfraquecida que os soldados faziam sua guarda sentados.

As fortificações de campanha não escaparam à crítica dos adversários da fortificação. Enterrar-se foi com frequência considerado como um sinal de fraqueza, senão de relaxamento: no século XVIII, a discussão estava viva. Guibert, adepto da ofensiva, se mostrava-se bastante hostil, apesar de concordar que elas não eram sempre inúteis: “*Eu reprovo o abuso que se faz das posições entrincheiradas e não o uso que por vezes lhe é proposto*”¹³⁶. Sabe-se que antes de 1914, o culto da ofensiva havia conduzido a desprezar a organização defensiva do terreno, ao ponto que durante os três primeiros meses de guerra “*oficiais e soldados mostram a mais viva repugnância a executar os menores trabalhos de defesa; quando as ordens formais os obrigam a fazê-lo, eles se contentam com simples simulacros*”¹³⁷. Conhece-se também o preço desta atitude durante os primeiros meses de guerra.

Napoleão, que não era um mau juiz, estava convencido da necessidade de boas posições nas quais “*a arte segue a natureza*”. Em 1809, ele ordena a preparação de uma posição fortificada contra a Áustria: “*Quanto mais nós refletimos sobre esta posição, mais nós achamos que com 30.000 homens não podemos temer 60.000 de mesmo valor: ou ao menos que devemos poder ganhar alguns meses*”. Seu julgamento é irrevogável: “*As fortificações de campanha são sempre úteis, jamais nocivas, às vezes indispensáveis, desde que elas sejam bem compreendidas*”¹³⁸. A história lhe dá mil vezes razão, basta evocar os efeitos estratégicos extraordinários de um comportamento tático tão primitivo quanto as lanças (de madeira) medievais, que reverteram a relação de forças entre cavalaria e infantaria, e radicalmente mudaram o rumo da guerra dos Cem Anos e das cruzadas, enviadas em socorro de Bizâncio¹³⁹.

¹³⁴ Edward Luttwak, *La Grande stratégie de l'empire romain*, p. 54.

¹³⁵ Edward Luttwak, *La Grande stratégie de l'empire romain*, p. 59.

¹³⁶ Guibert, *Essai général de tactique*, na antologia de suas obras apresentada por Jean-Paul Charnay, *Stratégiques*, Paris, L'Herne, Classiques de la stratégie, 1977, p. 431.

¹³⁷ Tenente-Coronel Baillis, “Évolution des idées sur l'emploi tactique de l'organisation du terrain de Napoléon à nos jours (2)”, *Revue militaire française*, 1926-2, p. 221.

¹³⁸ Tenente-Coronel Baillis, “Évolution des idées sur l'emploi tactique de l'organisation du terrain de Napoléon à nos jours (1)”, *revue militaire française*, 1926-1, pp. 40, 54 e 61.

¹³⁹ Evidentemente, não se trata de considerar o fator como única explicação. Mas é, seguramente, um dos principais, tão simples, senão simplista, que é raramente apreciado no seu justo valor. Ele é bem destacado num artigo tão curto quanto convincente: René Olivier, “Um fait militaire capital bouleverse l'histoire médiévale”, *Lecture et tradition*, 314, abril de 2003.

A Segunda Guerra mundial ainda o provou com, entre muitas outras, a resistência de Demiansk, cercada pelos russos durante o inverno de 1941- 42, ou de Bir-Hakeim mantida durante duas semanas pela fraquíssima brigada francesa livre do General Koenig diante do assalto ítalo-alemão apoiado por aviação. Tobruk, investida pelo Afrika Korps em abril de 1941, mas reabastecida por mar, resiste até novembro a todos os assaltos e é liberada por uma contra-ofensiva do 8º Exército. O marechal Rommel, campeão da guerra de movimento e da ofensiva, destaca em várias ocasiões, em suas anotações, o valor defensivo das posições edificadas pelos britânicos, em torno de Tobruk ou em El-Alamein e pelos franceses livres em Bir-Hakeim: “*Os carros não podiam ser utilizados nos campos minados repletos de pontos de apoio*”¹⁴⁰.

Esta eficiência é todavia subordinada a uma condição: que as tropas em vias de retirada que aí se instalem sejam acolhidas por reservas já posicionadas. A linha de Mojaïsk é um bom exemplo disso. Ela estava instalada ao longo de rios (Lama, Moskowa, Kolocha, Louja e Sukhodrev) de margens abruptas, um excelente obstáculo anticarros. Ela beneficiava-se de uma rede densa de estradas e de vias férreas, que facilitava os movimentos de tropas. Molhes de resistência haviam sido instalados em profundidade. Mas seus 210 km estavam protegidos, no início de outubro de 1941, por apenas 45 batalhões, ou seja 1 por 4,5 km. A linha foi inteiramente penetrada em alguns dias¹⁴¹.

SEÇÃO III – ESPAÇO E RELAÇÃO DE FORÇAS

460. A dialética do espaço e das forças

E chegamos aqui a esta dialética permanente entre espaço e o instrumento que está na base de toda estratégia: o fator terreno ou o fator espaço não tem valor objetivo, em si. Ele não tem interesse, exceto em função dos meios disponíveis ou da maneira pela qual nós nos servimos dele. Frederico II fazia do “golpe de vista sobre o terreno” um dos talentos indispensáveis aos chefes de guerra: “*Um general hábil saberá aproveitar da menor colina, de um desfiladeiro, de um caminho esburacado, de um pântano etc. Num espaço de um quadrado de duas léguas, podemos por vezes tomar duzentas posições*”¹⁴². Clausewitz não fez mais do que repeti-lo: “*Podemos dizer que mesmo para um terreno sem particularidades notáveis, aquele que o conhece bem consegue aproveitar-se dele*”¹⁴³.

Se há um elemento determinante em última instância, é a relação de forças e não o terreno ou o próprio espaço, mesmo se ele é fortificado. Napoleão o disse: “*Como os canhões, os locais não são mais do que armas que não podem preencher por si sós seu objetivo, eles precisam ser bem empregados e bem manejados*”¹⁴⁴. Foch, com seu vigor costumeiro, enunciou uma máxima que tem valor de lei: “*Todos os terrenos são transponíveis, se não os defendemos a golpe de fuzis, quer dizer, com homens*”¹⁴⁵.

Os mongóis, é verdade, aproveitaram da ausência de obstáculos montanhosos para atingir as margens do Pacífico e da Hungria¹⁴⁶, mas eles devem em princípio seus estupendos

¹⁴⁰ Marechal Rommel, *La Guerre sans haine*, pp. 170-171, 190-195 e 228.

¹⁴¹ De acordo com as memórias do marechal Joukov, citado por Geoffrey Jukes, *La Défense de Moscou*, Verviers, Marabout, 1971, pp. 110-111.

¹⁴² Frédéric II, “Instruction militaire du roi de Prusse pour ses généraux”, na *Bibliothèque historique et militaire*, publicada por Ch. Liskenne e Sauvan, tomo V, p. 223.

¹⁴³ Carl von Clausewitz, *De la Guerre*, p. 403.

¹⁴⁴ Tenente-Coronel Baills, “Évolution des idées ...”, (1), p. 53.

¹⁴⁵ Ferdinand Foch, *Des Principes de la guerre*, p. 30.

¹⁴⁶ Como sustenta David Christian, “Inner Eurasia as a Unit of World History”, *Journal of World History*, 1994-2, p. 178.

sucessos a suas qualidades sem igual de cavaleiros e de arqueiros, a uma organização e uma disciplina perfeitas, a um uso judicioso da espionagem, da subversão e do terror que inspiravam¹⁴⁷. Os japoneses não perderam a guerra do Pacífico porque o oceano era muito grande. Era simplesmente muito grande para eles, para as forças que podiam utilizar. Os EUA, por ocasião de sua resposta ofensiva, provaram que este oceano imenso não era muito grande para eles.

O Afrika Corps constitui um exemplo caricatural: negligenciado por Hitler, que só pensa na frente leste, desfavorecido pelo controle britânico do mar, que o faz perder uma parte (não tão grande como dizem) de seus aprovisionamentos, ele se desintegra à medida que avança, apesar do aumento do volume de material tomado do inimigo. Durante o verão de 1942, sua vanguarda, a 15ª Panzerdivision, cai a 12 carros e 236 combatentes, para um efetivo teórico de 13.000 homens. Isso não impede Rommel de tentar, uma última vez, de forçar o destino até o Cairo. Em El-Alamein, o Afrika Corps não alinha mais do que 27.000 homens apoiados por 50.000 italianos de um valor combatente duvidoso, e dispõe de 210 carros e 350 aviões. Diante dele, o 8º Exército britânico recebeu, ao longo das semanas precedentes, reforços maciços em homens e material: ele pôde alinhar 230.000 homens, 1440 carros e 1.200 aviões. Durante a batalha, ele continua a recebê-los, enquanto seu adversário é abandonado à própria sorte: no lançamento da ofensiva britânica, a relação de forças entre carros é de 1 para 6, após uma semana será cerca de 1 para 20. Desta vez o gênio tático de Rommel (ainda doente e ausente durante o início da ofensiva britânica) é impotente para reverter o rumo das ações. Ele poderá somente evitar que a retirada se transforme em derrota. Instruído pelas experiências dolorosas de seus predecessores, Montgomery se contentará em acompanhá-lo sobre cerca de 2.000 km até a fronteira tunisiana sem jamais seriamente buscar contorná-lo ou a retê-lo.

Esta campanha memorável, à qual poderíamos juntar muitas outras, está aí para proteger-nos contra a tentação que assalta os adeptos da geoestratégia: fazer do meio que eles estudam o elemento, senão determinante, ao menos decisivo, embora ele não seja mais do que um elemento no meio de outros, como o havia dito Napoleão: “As circunstâncias do terreno por si sós não devem decidir a ordem de batalha, que deve ser determinada pela reunião de todas as circunstâncias”¹⁴⁸. A escolha da ordem de batalha, dizia ele ainda, depende:

*1º) do número de tropas, da infantaria, da artilharia e da cavalaria, que compõem o exército; 2º) da relação que existe entre os dois exércitos; 3º) do seu moral; 4º) do objetivo a que nos propomos; 5º) da natureza do campo de batalha; 6º) da posição ocupada pelo exército inimigo e do caráter do chefe que o comanda. Não se pode e não se deve prescrever nada de absoluto. Não existe ponto de ordem natural de batalha entre os modernos*¹⁴⁹.

461. A dialética do espaço e do tempo

O exemplo do fracasso de Rommel na África nos lembra de um dado básico que se deixa de ver constantemente: o espaço tem que ser combinado com outro fator, pelo menos tão decisivo quanto, ou seja, **o tempo**. Não basta ser **o mais forte** no teatro de operações, é ainda preciso **ser no momento certo**. Nada impediria de mandar reforços para Rommel em

¹⁴⁷ Denis Sinor, “The Inner Asian Warriors”, *Journal of the American Oriental Society*, 101-102, abril-junho de 1981.

¹⁴⁸ *Commentaires de Napoléon I^{er}*, tomo VI, p. 173.

¹⁴⁹ *Commentaires de Napoléon I^{er}*, tomo VI, p. 45.

1941 ou 1942, se Hitler tivesse entendido a importância do teatro mediterrâneo e, em consequência, comissionado meios para lá. As forças existiam: o África Korps tinha um pouco acima de duas divisões e dobrar essa quantidade teria sido suficiente para mudar numa proporção significativa a razão entre as forças. O Reich podia, sem dificuldade, achá-las na França ocupada ou adestrá-las. Do outro lado, e ao contrário do que foi dito durante muito tempo, a maior parte dos comboios ítalo-alemães atravessaram o mar Mediterrâneo sem problema, para levar às forças da África os aprovisionamentos necessários. A Royal Navy só conseguiu interceptar uma pequena parte: «*mais de 80% das tropas e do material enviados chegaram ao destino, apesar do inimigo usar Ultra, o radar, e todos os demais meios para impedi-los*»¹⁵⁰. Isso foi claramente comprovado quando, no final de 1942, enquanto a campanha na África estava definitivamente perdida, após a derrota de El-Alamein e o desembarque das forças aliadas na África do Norte, Hitler conseguiu mandar para a Tunísia forças consideráveis que se tornaram a 5ª *Panzerarmee*. Se essas forças ficassem ao dispor de Rommel um ano ou dezoito meses mais cedo na Líbia, não há muita dúvida de que as coisas teriam acontecido de um jeito totalmente diferente.

Podem-se achar muitos outros exemplos parecidos. O espaço foi provavelmente um fator determinante no fracasso alemão na Rússia. Mas, quando nos lembramos que as vanguardas alemãs chegaram até Khimki, a 8 km de distância da zona de Moscou, e 16 km do Kremlin, após ter percorrido mais de 1.000 km desde a base polonesa de onde partiram, parece óbvio que o espaço teve um papel menor do que o tempo. Duas ou três semanas a mais, de tempo bom, combinadas com uma operação logística melhor preparada, poderiam ter feito uma grande diferença. Também, há que se lembrar que o exército alemão nunca foi tão poderoso na Rússia quanto durante o verão de 1943, no momento da operação «Citadelle» contra a zona fortalecida de Kursk. Se tivesse tropas da mesma importância 18 meses antes da operação «Typhoon» contra Moscou, teria provavelmente vencido. Mas tal volume de tropas poderia conceber-se somente com a vontade do *Feldherr*.

Em verdade, a dialética é uma «*trialectica*»¹⁵¹ das forças, do espaço e do tempo. A geoestratégia deveria ser completada por uma cronoestratégia¹⁵². Infelizmente, o fator tempo sempre resistiu a qualquer teorização. Só se pode sinalizar a existência do problema, sem intentar resolvê-lo aqui, para lembrar-se, mais uma vez, do caráter provisório e incompleto dos instrumentos teóricos ao dispor do estrategista.

462. A dialética do espaço e do ator

É certo que o setor de engenharia dos meios de defesa pode vencer todos os obstáculos. Como não sonhar na batalha de Arbeles? Alexandre, muito longe de suas bases de partida, se choca com Dario III na planície de Gaugamelo, perto de Arbeles, com um exército muito superior em número e que tem a vantagem do terreno: Dario escolheu o campo de batalha, sabendo que seu inimigo deveria passar por lá, e o preparou com cuidado, fazendo mesmo aplainar, diz-se, as colinas que poderiam atrapalhar a carga de seus temíveis carros munidos de foices. O persa então preparou bem sua ação. E, entretanto, ele será batido.

Este exemplo tenderia a dar razão a Nguyễn Trai, estrategista vietnamita vencedor dos chineses no século XV, que não acreditava na influência do terreno:

¹⁵⁰ Raimondo Luraghi, “La marine italienne pendant la Seconde Guerre mondiale”, em Michel Ostenc (dir.), *La marine italienne de l'unité à nos jours*, Paris, CFHM-ISC-Économica, Hautes Études maritimes, 2005, p. 190.

¹⁵¹ Expressão proposta por Xavier Sallantin.

¹⁵² Cf. Christophe Prazuck, “L’attente et le rythme. Modeste essai de chronostratégie”, *Stratégique*, 68, 1997-4.

*Em todos os tempos, para um bom general, não existem terrenos acidentados ou favoráveis, campos de batalha fáceis ou difíceis. A vitória ou derrota depende das capacidades daqueles que comandam e em nada do terreno. Quando dois exércitos se engajam num terreno acidentado, é como dois tigres que escolheram lutar num vale fechado, o melhor vencerá. A configuração do terreno não joga sempre num único sentido, como a situação recíproca dos exércitos. O que é que permite prejudicar se um terreno é favorável ou não?*¹⁵³

Mas os generais capazes de superar a deficiência de um terreno desfavorável ou os riscos inerentes a um objetivo distante são, por definição, uma exceção. Somente Napoleão podia correr o risco de se enganar em uma batalha em Austerlitz, diante da formidável posição aliada do planalto de Pratzen. E se sua expedição à Rússia terminou em um desastre que precipitou o fim de seu império, Alexandre retornou ao vale dos hindus para morrer de doença na Babilônia, enquanto sonhava, diz-se, atacar Cartago. Gengis Khan ultrapassou todos os limites fixados pela geografia. As regras e o método se impõem ao estrategista “ordinário”, o gênio pode transgredi-los.

463. A lição da geoestratégia

A redescoberta da importância da dimensão espacial é certamente salutar após os excessos da estratégia nuclear que tinha acreditado, um pouco rápido, na abolição das distâncias pelos foguetes e mísseis e aqueles da guerra tecnicista que tinha acreditado, nela, também, um pouco rápido demais, na abolição das restrições do ambiente. Este faz sempre sentir sua ação com força. Seus diferentes componentes podem se combinar de maneira muito diversa, com variações infinitas segundo o tipo de guerra: a topoestratégia será primordial numa guerra de posições, a fisioestratégia será determinante numa guerra de movimento. Isto quer dizer que o **ambiente** não deve ser apreciado de maneira estática, mas sempre **em função dos meios disponíveis e dos fins perseguidos**. A geoestratégia revela menos os pontos estratégicos imutáveis (mesmo que eles possam existir, ditados por uma geografia imperiosa, sonhemos somente como canal de Khaïbar) do que centros de gravidade que se deslocam com o poder. A geoestratégia não é a negação da geografia militar, mas seu prolongamento. A apreciação da influência do meio evoluiu em função do alargamento e da mutação da própria estratégia.

¹⁵³ Nguyễn Trai, “Écrits à l’armée”, Europe 6/3, maio de 1980, p78.